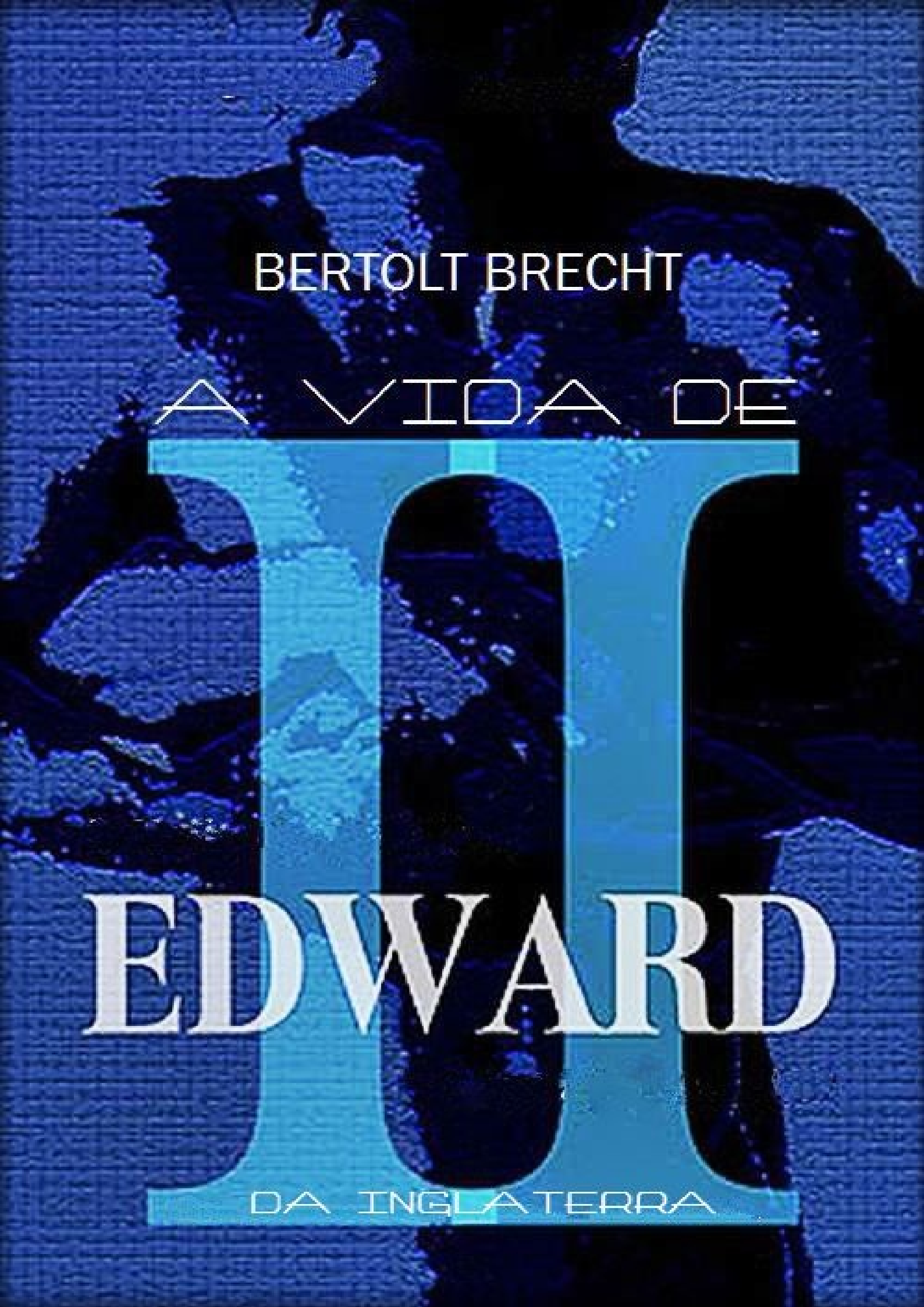
BERTOLT BRECHT
A VIDA DE
EDWARD II
DA INGLATERRA

A Vida de Edward II da Inglaterra

Bertolt Brecht

Leben Eduards des Zweiten von England
Historie (nach Marlowe)

1923-1924

A Vida de Edward II da Inglaterra

Crônica (segundo Marlowe)

Bertolt Brecht

Título original: *Leben Eduards des Zweiten von England Historie (nach Marlowe)*

Escrito em 1923-1924

Estreia: 18-3-1924 em Munique

Tradução: Antonieta da Silva Carvalho e Celeste Aída Galeão.

Revisão da Companhia do Teatro da Universidade Federal da Bahia, pelos professores Ewald Hackler, Harildo Deda e Cleise Mendes.

Versificação das canções: Maria da Conceição Paranhos

Escrevi esta peça com Lion Feuchtwanger.

Bertolt Brecht

Aqui é apresentado ao público o relato do governo conflituado de Edward II, Rei da Inglaterra, e sua morte deplorável. Assim como a sorte e o fim de seu favorito, Gaveston. Além disso, o destino confuso da Rainha Anna. Igualmente a ascensão e a decadência do grande Conde Roger Mortimer. Tudo o que aconteceu na Inglaterra, principalmente em Londres, há cerca de seiscentos anos.

Personagens

REI Edward II

RAINHA ANNA, sua esposa

KENT, seu irmão

O JOVEM Edward, seu filho, posteriormente Rei Edward III

GAVESTON

ARCEBISPO DE WINCHESTER

ABADE DE COVENTRY, posteriormente Arcebispo de Winchester

MORTIMER

LANCASTER

RICE AP HOWELL

BERKELEY

SPENCER

BALDOCK

O VELHO GURNEY

O JOVEM GURNEY

LIGHTBORN

JAMES

PARES, SOLDADOS, UM VENDEDOR DE BALADAS, DOIS INDIVÍDUOS, UM MONGE

1

14 DE DEZEMBRO DE 1307
VOLTA DO FAVORITO DANYELL GAVESTON
POR OCASIÃO DA SUBIDA AO TRONO
DE Edward II

Londres

GAVESTON lê uma carta do Rei EDWARD — "Meu pai, o velho Edward, está morto. Venha depressa, Gaveston, e compartilhe da Inglaterra com seu amigo do peito, o Rei Edward II." Eu vou. Essas suas queridas linhas soaram à proa do brigue da Irlanda. Ver Londres é para o banido como o paraíso para a alma recém-chegada. Meu pai dizia frequentemente: você já está gordo de tanto beber, aos dezoito anos. E minha mãe dizia: atrás do teu cadáver irão menos pessoas do que os dentes na boca de uma galinha. E agora um rei se despedaça pela amizade de seu filho. Alô, répteis! Qual será o primeiro a rastejar no meu caminho?

Entram dois indivíduos.

O PRIMEIRO — Dois que gostariam de estar a serviço de Vossa Alteza.

GAVESTON — O que é que você sabe fazer?

O PRIMEIRO — Cavalgar.

GAVESTON — Mas eu não tenho cavalo. E você, o que é?

O SEGUNDO — Soldado. Servi na guerra contra a Irlanda.

GAVESTON — Mas eu não estou em guerra. Por isso, senhores, vão com Deus.

O SEGUNDO — Com Deus?

O PRIMEIRO para o Segundo — A Inglaterra não paga coisa alguma para velhos soldados, senhor.

GAVESTON — A Inglaterra lhes paga um hospital como o de São Tiago.

O PRIMEIRO — Onde se apodrece até morrer.

GAVESTON — Apodrecer é a sina do soldado.

O SEGUNDO — É? Apodreça você mesmo na sua Inglaterra! E morra abatido por um soldado. *Ambos saem*.

GAVESTON *sozinho* — Este aí fala como meu pai. Ora! As palavras do rapaz me emocionam tanto. Como se um ganso bancasse um porco-espinho E me furasse com suas penas e imaginasse estar furando meu peito. Ataque-me! A alguns, entretanto, vou pagar esses dias na mesma moeda. Pois apesar da bebida e do jogo Não me esqueci do documento em que escreveram que sou puta de Edward e banido. Aí vem meu recém-coroado rei com um rebanho de Pares. Ficarei de lado. *Esconde-se*.

Entram Edward, Kent, Mortimer, o Arcebispo de Winchester, Lancaster.

ARCEBISPO — Mylord! Venho aqui, rápido, dizer a missa para os restos mortais do vosso pai Edward, Rei da Inglaterra, e para comunicar-vos: No leito de morte de Edward, ele fez seus Pares…

LANCASTER — Quando já estava mais branco do que o linho…

ARCEBISPO — … prestarem o juramento: aquele indivíduo nunca deverá vir para a Inglaterra.

GAVESTON — *Escondido.* Minha nossa!

ARCEBISPO — Se nos amardes, Mylord, odiai Danyell Gaveston!

GAVESTON *assobia entre dentes*.

LANCASTER — Se esse sujeito aportar aqui, vão se afiar os punhais na Inglaterra.

EDWARD — Quero Gaveston aqui.

GAVESTON - Boa, Ed!

LANCASTER — É só que nós não gostamos de quebrar um juramento.

ARCEBISPO — Mylord, por que provocais tanto vossos Pares que, por natureza, querem vos respeitar e amar?

EDWARD — Quero Gaveston aqui.

LANCASTER — Vão-se afiar os punhais na Inglaterra, Mylord.

KENT — Se os punhais se afiarem na Inglaterra…

LANCASTER — penso, irmão, que muitas cabeças serão enfiadas em estacas, por terem a língua comprida.

ARCEBISPO — Nossas cabeças!

EDWARD — As vossas, isso mesmo. Por isso queria que voltásseis atrás.

LANCASTER — Acho que nossos punhos protegem nossas cabeças.

Os Pares saem.

KENT — Esqueça Gaveston, irmão, mas corte os Pares.

EDWARD — Caio ou vivo com Gaveston, irmão.

GAVESTON aparece — Não posso me conter por mais tempo, senhor.

EDWARD — Danny, querido! Abrace-me também, Danny! Desde que você foi banido, cada dia foi como um deserto.

GAVESTON — E desde que parti, não há alma no inferno que sofra mais do que o pobre Gaveston.

EDWARD — Sei disso. Agora, agitador Lancaster, arqui-hereje Winchester, tramem o quanto quiserem. Gaveston, nós o fazemos, imediatamente, Tesoureiro-Mor, Chanceler, Conde da Cornualha, Par da ilha de Man.

KENT, *sombrio* — Basta, irmão!

EDWARD — Irmão, cale-se!

GAVESTON — Mylord, não me sufoque de títulos. O que vão dizer as pessoas? Talvez, é demais para um mero filho de carniceiro.

EDWARD — Está com medo? Você terá guarda-costas. Precisa de dinheiro? Vá ao meu tesouro. Quer que o temam? Aqui estão meu anel e meu lacre. Pode comandar em meu nome como quiser.

GAVESTON — Por vosso afeto, sou equiparado aos Césares.

Entra o Abade de Coventry.

EDWARD — Aonde vai, Mylord, meu Abade de Coventry?

ABADE — Para a missa fúnebre de vosso pai, Mylord.

Edward *aponta para Gaveston* — Meu falecido pai tem um hóspede do mar da Irlanda.

ABADE — O quê? Este patife do Gaveston está aqui de novo?

GAVESTON — Sim, meu rapaz. Em Londres há choro e ranger de dentes.

ABADE — Eu não tenho feito outra coisa, desde que fui investido. E se você hoje está aqui ilegalmente, Gaveston, levarei já seu caso de novo ao Parlamento e você retornará ao navio irlandês.

GAVESTON *agarra-o* — Venha logo, então. Ali há uma sarjeta, e porque você, padreco, redigiu aquele documento, vou jogá-lo, mesmo sendo um abade, na sarjeta, como você me jogou no mar irlandês.

EDWARD — Está correio porque é você quem o faz. O que você faz está correto. Vá, afogue-o, Gaveston! Lave-lhe a cara e barbeie seu inimigo com água do esgoto.

KENT — Irmão! Não o toque com mãos ímpias! Pois ele pode protestar junto ao papa em Roma.

EDWARD — Poupe-lhe a vida! Tome seu dinheiro e mordomias! Seja você o abade, seja esse aí o banido.

ABADE — Deus vos punirá, Rei Edward, por tal crime.

EDWARD — Mas até que isso aconteça, corra, Gaveston, e confisque a mansão e as mordomias dele.

GAVESTON — Também o que é que um padreco pode fazer com um lar desses?

2

DESGOVERNO SOB O REINADO DE EDWARD II

NOS ANOS DE 1307 A 1312.

UMA GUERRA NA ESCÓCIA É PERDIDA PELA NEGLIGÊNCIA DO REI

Londres.

Spencer, Baldock, os dois indivíduos, soldados.

BALDOCK — O Arcebispo de Winchester disse de seu púlpito que deu bicho na farinha este ano. Isso significa alguma coisa.

SEGUNDO INDIVÍDUO — Mas não para nós. Quem come o grão da farinha é o Winchester.

PRIMEIRO INDIVÍDUO — A provisão para as tropas escocesas foi penhorada dessa vez por alguém de Yorkshire.

BALDOCK — Já aqui em torno de Ed, toma-se cerveja desde as oito horas.

SPENCER — Ed desmaiou ontem.

PRIMEIRO SOLDADO - Por quê?

SPENCER — O Conde da Cornualha lhe disse que vai deixar crescer a barba.

BALDOCK — Outro dia, Ed vomitou na Rua dos Curtumes.

SEGUNDO SOLDADO — Por quê?

BALDOCK — Uma mulher cruzou o caminho dele.

SEGUNDO INDIVÍDUO — Vocês sabem da última do Conde da Cornualha? Ele agora usa anquinhas.

Risos.

Surge um vendedor de baladas.

VENDEDOR DE BALADAS — Vou contar toda a verdade sobre o nosso rei Edinho:

ele tem um segredinho que no seu coração arde.

Em sua alcova de ouro
não há donzela ou rameira,
pois meteu-se no desdouro de amar
um par sem eira nem beira
que o sustente no belo ofício do amor.
Prepare-se e aguente, meu caro espectador,
para a descrição que faço da concubina
do paço: sua barba é longa e farta,
sua face não tem véus, usa saia, dança e salta,
quando longe do mundéu.
Para quem não sabe o nome
desse amante sem lençol posso dizer,
sem vexame, que seu nome é Cornwall.
Enquanto isso o Edinho esconde bom dinheirinho
que a todos nós convém lá dentro de grossas meias,
retirando, de mãos cheias, o nosso único bem.
E não é só o que faz esse monarca rapaz:
o rei, pra desonra nossa, por amante
tão imundo parou a guerra na Escócia.
Por amor da perversão mandou Johnny,
tudo em vão, pro charco de Bannockbride,
mas mudar isso, quem há-de?
E tem mais: pune e tortura os que têm
a ideia pura de mudar a podridão.
Patty perdeu o seu braço
e O'Nelly um bom pedaço:
desgraças do reino são.

SPENCER — A canção vale meio penny, meu querido.

Entram Edward e Gaveston.

EDWARD — Querido Gaveston, você só tem a mim como amigo. Deixe-os! Vamos ao lago Tynemouth pescar, comer peixe, cavalgar, atirar nos alvos, juntinhos, ombro a ombro.

SPENCER *segurando o vendedor de baladas* — Isso é alta traição, caro senhor. E se vocês retalharem em pedaços o sobrinho de minha tia, o filho de minha mãe não poderá suportar que alguém chegue perto demais de seu querido Conde da Cornualha.

GAVESTON — Que é que você quer, amigo?

SPENCER — Simpatizo muito com uma bela sátira, mylord; mas alta traição simplesmente fere meus sentimentos.

GAVESTON — Quem?

SPENCER — Esse perneta podre, mylord.

Vendedor de baladas afasta-se rapidamente.

GAVESTON para o Rei — Calumniare audacter, semper aliquid haeret.

SPENCER — Na língua de vocês: devia ser enforcado.

GAVESTON *para Spencer* — Siga-me.

Saem com o rei. Spencer acena para Baldock, eles se juntam. Os que ficam riem.

Entram o Arcebispo e Lancaster.

ARCEBISPO — Londres ri de nós. Os cobradores de impostos perguntam-se até quando o Parlamento e os Pares ainda vão suportar isso. Em todas as ruas ouvem-se as palavras “guerra civil”.

LANCASTER — Uma puta só não faz a guerra.

Londres.

MORTIMER em sua casa, entre livros, sozinho: Plutarco conta que Caio Júlio César leu, escreveu e ditou a seu escriba e venceu os gauleses. Tudo ao mesmo tempo. Parece que pessoas à sua altura ganharam fama por não perceber a insignificância dos fatos e feitos humanos, isso aliado a uma incrível falta de seriedade; resumindo: por sua superficialidade.

Entram o Arcebispo e Pares.

ARCEBISPO — Vós vos regalais, Roger Mortimer, centrado nos escritos clássicos, em meditações sobre tempos idos, enquanto Londres, uma casa de cupins excitados,

precisa de vós.

MORTIMER — Londres precisa de farinha.

ARCEBISPO — Quando no Hospital de São Tiago o bom Deus, por falta de farinha, fazia estrebuchar centenas de porcos, certamente não vos desviaríamos de vossos livros, Mortimer. Mas quando em Westminster um tal porco espoja-se amamentado com o leite deste país, do qual para o rei deveria ser o protetor, então já é tempo, sem dúvida, de deixar os clássicos serem clássicos.

MORTIMER — Os clássicos dizem: Alexandre Magno amava Hefestion, o sábio Sócrates amava Alcebíades, e por Pátroclus, Aquiles ficou doente. Devo então eu, por esse capricho da natureza, expor meu semblante no meio do povo suado?

ARCEBISPO — Os longos braços de Ed, as catapultas, poderiam talvez fazer com que vós, por distração, não vos alegrásseis com o lazer tão suado, e, evitando a chuva, não vos afogásseis no dilúvio. Sois apaixonadamente frio, com idade propícia a ações ponderadas, hábil pelo profundo conhecimento da fraqueza humana, experiente pelos livros e pela vida movimentada, grande pelo nome da estirpe, bens e tropas, autorizado a elevar vossa voz em Westminster.

MORTIMER — Quereis cozinhar vossa sopa no Etna? Estais errado. Quem começa a depenar um galo para comê-lo ou porque seu canto o perturbou, pode, no final satisfeito pelo gosto de atormentar, ter vontade de esfolar um tigre. Estais lembrado disso?

ARCEBISPO — E se o Castelo de Westminster for arrasado, o camponês não poderá mais nos aborrecer.

MORTIMER — Mylords, para facilitar tudo isso, proponho: Exigiremos sua expulsão por escrito.

ARCEBISPO com pressa — O que vós deveis argumentar no Parlamento. Em nome da Inglaterra vos agradecemos, Conde Mortimer, por sacrificardes vosso estudo pelo bem da pátria.

Arcebispo e Pares saem.

MORTIMER sozinho — Porque hoje algumas cabeças se curvam diante de um cão, este povo lança sua ilha no abismo.

Mortimer, Arcebispo, Lancaster, os dois Pares.

LANCASTER — O Rei da Inglaterra apresenta ao Conde da Cornualha suas catapultas.

ARCEBISPO — Ele as apresenta para nós.

LANCASTER — Estais com medo, Arcebispo?

MORTIMER — Isso prova nossa mediocridade, Lancaster. Se homens da Antiguidade assistissem ao espetáculo, o filho do carniceiro há muito tempo estaria afastado do coração do rei e balançaria na forca dos cães, um pouco inchado de veneno e sem dentes.

LANCASTER depois de um arremesso de catapulta: Bem no alvo, Edward. Um arremesso desses faz pensar. As catapultas são os longos braços de Edward. Ele intervém

em vossos castelos escoceses com suas catapultas, Arcebispo.

Entra a Rainha Anna.

MORTIMER — Aonde ides tão rápido, Majestade?

ANNA — Para as florestas, nobre Mortimer, viver de luto e amarguras. Pois agora o senhor meu rei não me vê, vê apenas esse Gaveston. Pendura-se no seu pescoço, e se me aproximo franze a testa: “Saia! Não vê que estou com Gaveston?”

MORTIMER — Estais viúva, Mylady, por causa do filho de um carniceiro.

ARCEBISPO — Como Mortimer consola Mylady!

LANCASTER — Ela tem afeição pelo safado Edward. É um destino infeliz. Deus esteja com ela.

ANNA — Caro Mortimer, há maior amargor do que a irmã da França ser viúva e não ser? Pois seu esposo está vivo. Pior do que ser viúva; melhor seria que a terra a cobrisse, pois ela vive à sombra do ultraje: ser e não ser mulher; sua cama está vazia.

MORTIMER — Madame, a pele enruga-se de tantas lágrimas. Noites de solidão fazem envelhecer. Sentimentos pegajosos amolecem o corpo. Procurai satisfação, Mylady! A carne crua normalmente quer ser umedecida.

ANNA *para si mesma:* — Mui mísero Edward, como você me rebaixa, pois não posso bater na cara desse homem, mas tenho que aguentar e ficar quieta, enquanto ele me assalta com sua luxúria. *Alto*: Vós vos aproveitais da minha desgraça, Mortimer!

MORTIMER — Voltai, Lady Anna, à Corte! Deixai as preocupações para os Pares; antes da próxima lua esse filho de carniceiro estará num navio irlandês.

ARCEBISPO — Mylady, esse Gaveston é um argueiro em nossos olhos. Queremos arrancá-lo.

ANNA — Mas não levanteis a espada contra vosso rei! Edward está muito estranho. Ah, meu amor confunde-me. Como poderia eu ir para as florestas, Mylord, quando eles caem sobre o Rei Edward? Em becos desconhecidos ouço ameaças contra ele e apresso-me a voltar para assisti-lo na aflição.

LANCASTER — Sem derramamento de sangue Gaveston não sairá da Inglaterra.

ANNA — Então deixai-o ficar. Prefiro suportar minha vida e deixar meu senhor com o seu Gaveston a vê-lo ameaçado.

LANCASTER — Sede paciente, Mylady.

MORTIMER — Mylords! Acompanhemos a rainha de volta a Westminster.

ANNA — E por minha causa, não levanteis a espada contra o rei!

Todos saem. Entra Gaveston.

GAVESTON — O poderoso Conde de Lancaster, o Arcebispo de Winchester, com eles a rainha e alguns abutres no bairro antigo de Londres estão tramando algo contra algumas pessoas.

Londres.

GAVESTON em sua casa, sozinho, escreve seu testamento: Por incompreensão, numa quinta-feira comum, sem vontade de matar, alguém é apagado, dolorosamente. E por isso eu, que não sei qual foi a minha falta ou excesso, escrevo que aquele Edward, que agora é rei, não se desligava de mim — pois em mim minha mãe não descobriu nada que não fosse inteiramente comum, nem papeira, nem impetigo; por isso, por não saber o que fazer e, apesar da cabeça oca, escrevo isso: que nada ajuda a viver àquele que todos querem morto, de modo que nada me salva nessa Londres, de onde não posso mais sair a não ser de pés juntos. Meu testamento:

Eu, Danyell Gaveston, vinte anos mais sete, filho de um carniceiro, liquidado por circunstâncias favoráveis, eliminado por muita sorte, lego roupas e botas àqueles que estiverem comigo no fim: a abadia de Coventry às tolas mulheres da Rua São Tiago; minha estreita cova ao bom povo bêbado da Inglaterra, e o perdão de Deus ao bom Rei Edward, meu amigo. Pois estou consternado por não ter simplesmente me tornado pó.

3

9 DE MAIO DE 1311
COMO O REI EDWARD RECUSA-SE A ASSINAR
A EXTRADIÇÃO DE SEU FAVORITO GAVESTON,
IRROMPE UMA GUERRA DE TREZE ANOS

Westminster.

Mortimer, Lancaster, Arcebispo, Pares assinam, um após o outro, os documentos.

MORTIMER — Este pergaminho sela seu banimento.

Entram a Rainha, Gaveston, que se senta ao lado da cadeira do Rei, Kent e depois Edward.

EDWARD — Estais indignados por Gaveston sentar-se aqui? É nosso desejo, queremos assim.

LANCASTER — Obrais bem em pô-lo ao vosso lado. Senão, em nenhuma parte, o novo Par estaria seguro.

ARCEBISPO — *Quam male conveniunt*.

LANCASTER — Um leão heráldico ou, melhor, um parasita.

PRIMEIRO PAR — Como esse sujeito se espreguiça na cadeira!

SEGUNDO PAR — Para o povo de Londres, um prato feito: O Rei Edward e suas duas mulheres!

Inicia-se a sessão do Parlamento diante do povo.

KENT — Tem a palavra Roger Mortimer.

MORTIMER — Quando Paris, na casa de Menelau, comeu seu pão e sal, a mulher de Menelau — assim relatam as crônicas antigas — dormiu com ele e, velejando, de volta a Troia, ele ainda a tinha em sua cama e Troia ria. Rindo, parecia justo a Troia e à Grécia devolver ao marido grego essa carne fácil, de nome Helena, porque era prostituta. Só que

Lord Paris, compreende-se, foi evasivo, e disse que ela se sentia mal. Nesse ínterim chegaram navios. Navios gregos. Multiplicavam-se como pulgas. Certa manhã, alguns gregos entram na casa de Paris, para apanhar a prostituta grega. Paris grita de sua janela que essa é sua casa, esse, seu castelo, e os troianos, vendo que ele tinha razão, aplaudem sorrindo irônicos. Os gregos continuam pescando nos veleiros ancorados, até que num boteco do porto alguém esmurra outro até sangrar-lhe o nariz, desculpando-se diz que o fez por Helena. Antes que dessem por isso, nos dias seguintes, muitas mãos apertaram muitos pescoços. Dos navios destruídos, espetaram-se muitos, que estavam-se afogando, como atum. No quarto crescente, faltaram muitos nas tendas, nas casas muitos foram encontrados sem cabeça. Naqueles anos os caranguejos engordaram no Rio Skamander, mas não foram comidos. Espreitando o tempo, de manhã cedo, preocupados apenas em ver se à noite os peixes mordiam o anzol, todos tombaram pela meia- noite, em distúrbios ou intencionalmente. Por volta das dez horas, ainda sendo vistos com faces humanas, lá pelas onze, esquecendo já a língua materna, nem troianos encontravam Troia, nem gregos jamais a Grécia. Antes percebem a transformação de lábios humanos em beiços de tigres. Ao meio-dia, os dentes penetram as entranhas do outro animal que geme. Alguns ainda parariam, estarrecidos, se, sobre o muro assediado, um só soubesse, gritando o nome e a origem deles. Seria bom que desaparecessem, continuando a combater nos navios subitamente envelhecidos, que naufragavam sob seus pés, antes do anoitecer, sem nomes. Matar-se-iam com maior crueldade. Tal guerra durou dez anos, é chamada A Guerra de Troia e terminou com um cavalo. Se em geral a compreensão não fosse inumana e o ouvido humano entupido — indiferente se Helena foi prostituta ou ancestral de raças muito sadias — Troia ainda existiria, ela que era quatro vezes maior que nossa Londres; se Heitor não tivesse sido destruído, com órgãos genitais em sangue, se a cabeleira alva do insípido Príamo não tivesse sido cuspida pelos cães, toda essa raça não teria sido exterminada ao meio-dia. *Quod erat demonstrandum*. Sem dúvida não teríamos também a *Ilíada*. *Senta-se. Pausa*.

Edward chorando.

ANNA — Que tendes? Quereis água, meu esposo?

KENT — O rei passa mal. Que se encerre a sessão.

Fecha-se a sessão.

EDWARD — Que estais a olhar? Não olheis para mim. Deus permita que seus lábios não mintam, Mortimer. Não vos preocupeis comigo. Se parece que estou indisposto, olhai para o outro lado. Seriam apenas olheiras profundas, sangue congestionado no cérebro. Nada mais. Pegai o traidor Mortimer.

ARCEBISPO — O que ele está pedindo, nós garantimos com nossas cabeças.

LANCASTER — Afastai Gaveston de nossas vistas, senhor!

MORTIMER — Lede o que escrevemos aqui neste pergaminho.

ANNA *para Edward* — Senhor, tende bom senso. É quinta-feira. Estamos em Londres.

MORTIMER — Assinai a extradição de Danyell Gaveston, filho de um abatedor de Londres, banido há anos pelo Parlamento inglês, que retornou ilegalmente, hoje banido

pela segunda vez, pelo mesmo Parlamento. Senhor, assinai!

LANCASTER — Tende a bondade de assinar, Mylord!

ARCEBISPO — Mylord, assinai!

GAVESTON — Não teríeis pensado, senhor, que fosse tão rápido.

KENT — Afastai-vos desse Gaveston, irmão!

MORTIMER — É quinta-feira. Estamos em Londres. Assinai.

Lancaster, Arcebispo, Pares colocam uma mesa diante do rei: — Assinai!

EDWARD — Nunca! Nunca! Nunca! Antes que me levem meu Gaveston, deixo a ilha. Rasga o documento.

ARCEBISPO — Agora a Inglaterra está dividida.

LANCASTER — Provavelmente correrá muito sangue na Inglaterra, Rei Edward.

MORTIMER *canta* —

O rei da Inglaterra manda baterem tambores
para ocultarem as dores
das mocinhas dessa terra.
Morrem em Bannockbride seus noivos e prometidos,
longe da trilha, perdidos, soldados de tenra idade.
Cresce o rufar dos tambores e no peito crescem flores
de luto, horror e saudade: a morte grassa em Bannockbride.

EDWARD — Não quereis cantar mais? Olhais para um rei como para vossos rebanhos? Uma geração pode viver assim? Venha, Gaveston. Ainda estou aqui e tenho um pé para esmagar as cabeças de algumas víboras. *Sai com Gaveston.*

MORTIMER — É a guerra!

LANCASTER — Nem os anjos do céu nem os demônios do mar salvarão do exército inglês o filho do carniceiro.

4

A BATALHA DE KILLINGWORTH

(15 E 16 DE AGOSTO DE 1320).

CAMPO DE BATALHA PERTO DE KILLINGWORTH.

Cerca de sete horas da noite. Mortimer, Lancaster, Arcebispo, Tropas.

LANCASTER — Lá! A bandeira estraçalhada de São Jorge que tremulava do mar irlandês ao mar Morto. Alarme!

Entra Kent.

KENT — Mylords! Por amor à Inglaterra passo-me para vossa bandeira e renego o rei, meu irmão, porque ele, por uma infame obsessão por aquele Gaveston, destrói o reino.

ARCEBISPO — Sua mão, Kent!

LANCASTER — Em marcha!

Tambores.

LANCASTER — E que ninguém toque no Rei Edward!

ARCEBISPO — E cem moedas pela cabeça de Gaveston.

Marcham.

Cerca de sete horas da noite.

Tropas marchando. Edward, Gaveston.

PRIMEIRO SOLDADO — Vinde, senhor. À batalha!

EDWARD — Continue a falar, Gaveston!

GAVESTON — Muita gente disse em Londres que essa guerra não vai mais cessar.

EDWARD — Nosso olhar muito se comove por vê-lo, Gaveston, a esta hora, sem armas, confiante em nós, sem proteção de couro nem aço, de cabeça nua, no costumeiro traje irlandês.

SEGUNDO SOLDADO — Mandai marchar, Mylord! O combate começou.

EDWARD — Como este bando de cegonhas voando em triângulo no céu parece estar

parado, assim fica sua imagem para nós, intocável através do tempo.

GAVESTON — Mylord, uma conta simples como a que o pescador faz antes de dormir, contando rede e peixe, e convertendo a conta em moedas, não deixarei de fazer, enquanto ando sob o sol: que muitos são mais do que um, que esse um vive muitos dias, mas não todos os dias. Por isso não aposteis vosso coração tão radicalmente nessa causa, para que ele não se perca.

TERCEIRO SOLDADO — Senhor, à batalha!

EDWARD — Seus belos cabelos!

Oito horas da noite.

GAVESTON *fugindo* — Desde que esses tambores começaram, o pântano sorvendo catapultas e cavalos, a cabeça do filho de minha mãe está fora do lugar. Não ofegue! Será que todos já se afogaram e apenas há mais barulho pendente ainda entre o céu e a terra? Também não quero mais correr. São apenas alguns minutos e não movo mais um passo, deito-me simplesmente aqui no chão, para não durar até o fim dos tempos. E quando amanhã o Rei Edward passar a cavalo gritando para me torturar: “Danyell! Onde está você?”, não estarei mais aqui! E agora desamarre os sapatos, Gav, e fique sentado.

Entram Lancaster, Mortimer, Arcebispo, Pares, James, tropas.

LANCASTER — Agarrem-no, soldados!

Risos dos Pares.

LANCASTER — Bem-vindo, Tesoureiro-Mor!

PRIMEIRO PAR — Bem-vindo, querido Conde da Cornualha!

ARCEBISPO — Bem-vindo, abade!

LANCASTER — Andai um pouco, para esfriar vosso sangue sujo, abade!

ARCEBISPO — Digníssimos Pares! Acho que seu processo é breve. Sua sentença: porque Danyell Gaveston, filho de um carniceiro, foi a puta do Rei Edward, na cidade de Londres, induzindo-o à perversidade e a outros crimes, e duas extradições não o afastaram, ele será enforcado num galho. Enforcai-o!

JAMES — Ele não se move mais, Mylords! Está rígido como bacalhau congelado. Aqui está o galho. Duas cordas de cânhamo. Ele é cheio de carne.

MORTIMER *de lado* — O homem, vivo, valeria meia Escócia e um homem como eu poderia dar todo um exército por esse bacalhau aguado. Mas galho, corda e pescoço estão aí e o sangue é barato. Desde que as catapultas, com homens pendurados, detonam ininterruptas, desde que massas de cavalos e homens, intimidados com os tambores, lançam-se furiosamente uns contra os outros, que a poeira e o anoitecer tramam contra o êxito da batalha, desde que as catapultas estão trabalhando, tambores rufando, massas de cavalos e cavaleiros devoram-se mutuamente, uma lua vermelha e trôpega rouba dos cérebros a razão e do homem irrompe, desnudado, o animal. A situação exige que alguém seja enforcado.

JAMES — Agora a tábua.

GAVESTON — A corda não passa.

JAMES — Logo vamos ensaboá-la.

SOLDADOS *no fundo, cantando* —

A concubina de Ed tem barba no peito

Piedade de nós, piedade de nós, piedade de nós!

UM SOLDADO *para Gaveston* — Como vos sentis, senhor?

GAVESTON — Levai primeiro os tambores.

SOLDADO — Ireis gritar, senhor?

GAVESTON — Peço que retireis os tambores. Não gritarei.

JAMES — Está bem, senhor! Agora calai-vos. Passai o laço. Seu pescoço é curto.

GAVESTON — Peço encarecidamente que seja logo. Peço ainda que façais a leitura de minha sentença.

JAMES *lê a sentença e depois* — Pronto, então vamos.

GAVESTON — Edward! Meu amigo Edward! Ajude-me se você ainda está neste mundo. Edward!

Entra um soldado.

SOLDADO — Parai! Mensagem do Rei!

GAVESTON — Ele ainda está neste mundo.

ARCEBISPO *lê* — "Já que eu soube que tendes Gaveston, rogo-vos poder vê-lo antes da morte — pois sei que ele morrerá — e envio minha palavra e o lacre: ele voltará. E se quiserdes fazer-me o favor, ficar-vos-ei grato pela deferência. Edward."

GAVESTON — Edward!

ARCEBISPO — E agora?

LANCASTER — Este papel, Mylords, vale uma batalha ganha.

GAVESTON — Edward. Só o nome me faz viver.

LANCASTER — Não precisa ser assim. Poderíamos, por exemplo, enviar ao Rei o coração dele.

GAVESTON — Nosso bom Rei Edward promete, sob sua palavra e seu lacre, que quer apenas ver-me e depois me mandará de volta.

LANCASTER — Quando? Risos. Por seu Danny, ele quebrará qualquer juramento a

Deus, bastando que o veja.

ARCEBISPO — Antes que um rei quebre seu juramento, a ilha afundará no oceano.

LANCASTER — Está bem! Enviai-lhe Gaveston, mas enforcai-o depois.

MORTIMER — Não o enforqueis, mas também não o envieis!

ARCEBISPO — Pode-se talvez cortar a cabeça de um rei, mas não seu desejo.

LANCASTER — Tirai-lhe a pele, mas não lhe negueis essa pequena cortesia. E agora, à guerra com Edward Gloster, a mulher do filho do carniceiro.

ARCEBISPO — Cortai-lhe as cordas e vós, Lord Mortimer, providenciai o seu transporte.

GAVESTON — Ainda uma noite de vigília e ainda dois caminhos. Levo a morte comigo, como minha lua.

JAMES — É muito estardalhaço por um mero filho de carniceiro.

Todos saem, exceto Mortimer, James e Gaveston.

MORTIMER — Esse filho de carniceiro é o alfa e ômega desta guerra é a corda estendida sobre o pântano, o escudo contra a seta, e eu o tenho. James, conduza este homem e, se alguém perguntar-lhe para onde, diga: para o monturo. Trate-o, porém, como a um ovo cru. E traga-o amanhã lá pelas onze, para o bosque de Killingworth. Lá estarei.

JAMES — E se ele tentar escapar, senhor?

MORTIMER — Fazei o que quiserdes.

JAMES — Vinde, senhor!

Sai com Gaveston.

MORTIMER — É como se a minha ordem exalasse um leve cheiro de cadáver. Mas desde que a mudança da lua atrai sangue como vapor de água, e que esses pares têm rostos com sabor de morte, sou eu aquele que sabe o que é, não se preocupando com a lua, um único monte de covardia. Basta um homem para liquidar aquele que tem poderes para liquidar milhares. Por isso me enrolo, temeroso como alguém que foi queimado, com a pele de outrem, ou seja, com a pele desse filho de carniceiro.

Cerca de dez horas da noite.

ANNA *sozinha* — Ah, mísera Rainha! Ah, que as águas se tivessem tomado pedras, quando deixei a amada França e fui embarcada! Ou que aqueles braços, que me envolviam o pescoço, tivessem-me estrangulado na noite de núpcias! Pobre de mim! Agora tenho que correr atrás do Rei Edward, Pois ele partiu, deixando-me viúva, para essa batalha de Killingworth, em favor desse demônio do Gaveston. Minha pele se arrepia só de olhar para ele. Edward, porém, mergulha seu coração, como uma esponja, nele. E assim, estou desgraçada para sempre. Oh! Deus! Por que me rebaixaste tanto, Anna de França, para que o demônio Gaveston fosse exaltado?

Entram Gaveston, James, soldado.

JAMES aproxima-se — Olá!

ANNA — Sois os soldados do Rei Edward?

JAMES — De modo algum.

ANNA — Quem é o homem com o traje irlandês?

JAMES — É Danyell Gaveston, puta do Rei da Inglaterra.

ANNA — Para onde o levais?

JAMES — Para o monturo.

GAVESTON *dando um passo atrás* — Se eu tivesse água para meus pés…

SOLDADO — Aqui tem água.

ANNA — Peco-vos que não negueis água a ele.

GAVESTON — Deixai-me ter com ela. É a Rainha. Levai-me, Mylady.

JAMES — Não, ficai. Lavai apenas os pés. Tenho ordens.

ANNA — Por que não o deixais falar comigo?

JAMES — Afastai-vos, Madame, para que ele se lave.

Empurra-a.

GAVESTON — Ficai, nobre senhora, ficai! Mísero Gaveston, aonde vais agora?

Uma hora da madrugada.

Lancaster, Pares, tropas, em marcha para Boroughbridge.

UM SOLDADO — Em direção a Boroughbridge!

A senha é distribuída.

SOLDADOS *cantam*. —

O rei da Inglaterra manda baterem tambores
para ocultarem as dores das mocinhas dessa terra.
Morrem em Bannockbride, nos charcos apodrecidos,
seus noivos e prometidos, soldados em moça idade.
Ouçam atentos ao lamento da noite
que tudo cobre enquanto negro
é o tormento de quem enxerga e não pode.

LANCASTER — Tudo está dando certo. Esta noite ainda tomaremos Boroughbridge.

Duas horas da madrugada.

Edward, Spencer, Baldock, o jovem Edward, o exército dormindo.

EDWARD — Estou curioso pela resolução dos Pares a respeito de meu amigo, do meu Gaveston. Ah! Spencer, todo o dinheiro da Inglaterra não o resgata mais; ele esta fadado a morrer. Conheço a natureza má de Mortimer, sei que o Arcebispo é cruel e Lancaster é implacável, e jamais porei de novo os olhos em Danyell Gaveston. E no final porão o pé no meu pescoço.

SPENCER — Se eu fosse o Rei Edward, soberano da Inglaterra, rebento do grande Edward Longshank, não suportaria essa cólera dos desordeiros, não toleraria que esses patifes dos Pares me ameaçassem em minha própria pátria. Cortai-lhes as cabeças! Enfiai-as em estacas! Não há dúvida que isso sempre dá resultado.

EDWARD — E, bom Spencer, fomos condescendentes demais, bons demais para eles. Agora acabou-se. Se Gaveston não voltar, suas cabeças rolarão.

BALDOCK — Plano tão radical, Mylord, compete a Vossa Majestade.

JOVEM EDWARD — Por que é que eles fazem tanto barulho, pai?

EDWARD — Estão dilacerando a Inglaterra, filho. Gostaria de tê-lo mandado a eles, Edward, para que eles me fizessem a vontade com Gaveston. Você teria tido medo dos Pares revoltados?

JOVEM EDWARD — Teria, pai.

EDWARD — Boa resposta. Há muitos maus elementos em campo hoje à noite.

Entra a Rainha.

ANNA — Sois os soldados do Rei Edward? Esta é a pedreira de Killingworth? Onde está o Rei Edward, soldados?

SPENCER — Que é?

UM SOLDADO — Uma mulher procura o Rei Edward.

ANNA — Vindo de Londres, dois dias a cavalo, procurei-vos por pântanos, matagais e batalhas.

EDWARD — Não sois bem-vinda.

SPENCER — Há dois dias, a batalha está em curso, dificultada porque um exército parece-se com o outro e ambos gritam por São Jorge e pela Inglaterra. Com São Jorge, irmãos se dilaceram e, como duas salamandras enoveladas na luta, um exército crava os dentes no outro, e as aldeias da Inglaterra consomem-se em fogo pela pátria. Por volta da noite, no pântano, entre catapultas, homens afogados — ao mesmo tempo em que Gaveston também era preso — por fonte segura soube-se que tombou Lord Arundel. Logo em seguida choveu fortemente. A noite foi intranquila, com escaramuças. O Rei sentiu um pouco de frio, mas está em boas condições. Nossas posições não estão más, se hoje à noite os Pares não tomarem a aldeia de Boroughbridge. Hoje decide-se. No que diz respeito a Gaveston, os Pares prometem enviá-lo a nós.

ANNA *para si mesma* — E arrastam-no até o monturo Talvez seja melhor assim. Mas

não sou eu quem deve dizer-lhe que a essa hora o sujeito provavelmente já se foi. *Alto*. Hoje a caça é você, Edward.

EDWARD — É. E preso está meu amigo Danyell Gaveston. E você vem a meu encontro através de pântanos e matas.

ANNA — Se quereis cuspir em mim, Mylord, usai este rosto.

EDWARD — Vosso rosto é uma lápide. Aí está escrito: "Aqui jaz o pobre Gaveston". Não tendes também um pequeno provérbio de conforto? "Consolai-vos, Mylord, esse Gaveston era vesgo de um olho." Eu, porém, respondo: "Qualquer pele repugna-me, a vossa, por exemplo." Eu, Edward da Inglaterra, digo-vos, lembrando- me que apenas algumas horas me separam do fim: não vos amo. Diante da morte: amo Gaveston.

ANNA — Se bem que eu não vá esquecer as rudes palavras — pois as coisas na minha pobre cabeça ficam por muito tempo e só dissipam-se com vagar — é bom que ele tenha-se ido.

EDWARD — Traga-o de volta. Diz-se que Mortimer tem todos os poderes. Vá a ele, pois ele é vaidoso. Um tipo como o seu sucumbe fácil a uma rainha. Insinue-se a ele, use suas artes, aquelas especiais. O mundo está perto de se acabar. O que é um juramento? Dou-lhe absolvição.

ANNA — Jesus! Não posso.

EDWARD — Então eu vos afasto de minha vista.

ANNA — Nesses dias em que irrompe a guerra que, segundo dizem, não cessará mais, vós me mandais de volta através da carnificina dos exércitos.

EDWARD — É. E vos dou ainda a incumbência de ir buscar tropas da Escócia para vosso filho Edward. Pois a situação de seu pai não está boa.

ANNA — Cruel Edward!

EDWARD — Ele vos diz ainda o seguinte: é a vossa sorte. Estais ligada ao, como dizeis, cruel Edward, que vos conhece do coração ao ventre, até vosso fim, como o animal à armadilha.

ANNA — Tendes certeza absoluta?

EDWARD — Estais entregue por testamento, sois minha propriedade. Prescrita a mim: sem minha vontade, sem meu consentimento jamais livre.

ANNA — Mandais-me embora e me prendeis ao mesmo tempo?

EDWARD — Sim.

ANNA — O céu é testemunha de que vos amo. Para envolver-nos, creio que meus braços abarcariam toda a ilha. É hora de temer que eles estejam cansados. Prendeis-me e me afastais ao mesmo tempo?

EDWARD — Não se sabe ainda nada de Gaveston?

ANNA — Aquele que me manda embora e não me deixa ir, dele todos devem afastar-se e também não o deixa ir. Que seu final o evite, sem sossego e sem pele. Se ele tiver

necessidade do apoio de uma mão, que ela seja despelada, como a de um leproso. E se ele quiser escapar-lhes, para morrer, devem segurá-lo e não o deixar ir.

EDWARD — Ainda não se sabe de Gaveston?

ANNA — Se você ainda espera por seu amigo Gaveston, Rei Edward, perca as esperanças. Vi no pântano um homem com traje irlandês, e ouvi dizer que ia para o matadouro.

SPENCER — Ah, sangrento perjúrio!

EDWARD *ajoelhando-se* — Pela mãe de todos vós, pela terra, pelos céus, pelos planos das estrelas, por essa mão dura e ressecada, por todas as armas dessa ilha, pelos últimos juramentos de um peito vazio, por todas as honras inglesas, por meus dentes: quero ter vossos corpos aleijados e transfigurá-los de modo que vossas mães não vos reconheçam. Quero ter vossos troncos sem cabeças.

ANNA — Vejo agora que ele está inteiramente entregue ao demônio do Gaveston.

Sai com o jovem Edward.

Entra um soldado.

SOLDADO — Resposta dos Pares: Tomamos Boroughbridge, a batalha terminou. Se quereis auxílio e salvação sem derramamento de sangue, a Inglaterra diz: esquecei o Gaveston que já está fora da jogada.

EDWARD — Que já está fora deste mundo.

SOLDADO — E renegai sua memória e tereis paz.

EDWARD — Está bem. Diga aos Pares: porque tomastes Boroughbridge e por isso não posso travar mais uma batalha e porque meu amigo Gaveston não está mais neste mundo, aceito vossa oferta, e que haja paz entre mim e vós. Vinde ao meio-dia à pedreira de cal, onde, como desejais, renegarei sua memória. Mas vinde sem armas. Pois isso aborreceria os olhos de Nossa Majestade.

O soldado sai.

EDWARD *acorda seus soldados* — Levantai-vos, dorminhocos! Deitai-vos na cal como cadáveres! Edward Mão Branda espera seus convidados. Quando chegarem, lançai-vos a seus pescoços.

Cinco horas da manhã.

Gaveston, James, o outro soldado.

GAVESTON — Aonde vamos, pros diabos! De novo a pedreira de cal. Estamos andando sempre em círculos. Por que me encarais tão friamente? Cinquenta moedas de prata! Quinhentas! Não quero me estrepar!

Joga-se no chão.

JAMES — Bem, você já gritou, agora vamos continuar.

Entram dois soldados.

GRITOS — São Jorge e Inglaterra!

PRIMEIRO — Que e que você está avistando?

SEGUNDO — Incêndios.

PRIMEIRO — É Boroughbridge. E que é que você está ouvindo?

SEGUNDO — Sinos badalando.

PRIMEIRO — São as cordas da Igreja de Bristow que eles estão puxando, porque o Rei da Inglaterra e seus Pares querem fazer as pazes.

SEGUNDO — Por que de repente?

PRIMEIRO — Supostamente para que a Inglaterra não se dilacere.

JAMES — Agora, de súbito, parece, de novo, que escapareis dessa com um olho roxo, senhor. Que horas são?

O OUTRO SOLDADO — Cerca de cinco.

Onze horas da manhã.

Edward, Spencer, Baldock.

SPENCER — Os Pares da Inglaterra descem dos morros, desarmados.

EDWARD — Os guardas estão a postos?

SPENCER — Estão.

EDWARD — Tendes cordas?

SPENCER — Temos.

EDWARD — As tropas estão prontas para cair sobre o exército sem cabeça?

SPENCER — Estão.

Entram o Arcebispo, Lancaster, Pares.

BALDOCK — Mylord, vossos Pares.

EDWARD — Amarrai-os com as cordas.

OS PARES *esbravejam* — Traição! Caímos numa armadilha. Vosso juramento!

EDWARD — Num tempo como esse uma quebra de juramento floresce bem.

ARCEBISPO — Jurastes.

EDWARD — Tambores!

Os grifos dos Pares são abafados pelos tambores, os Pares são levados amarrados.

SPENCER — Mortimer não está.

EDWARD — Buscai-o. Tendes peloteiros e artilheiros? Dai-me os mapas de campanha! Vasculhai a área com armas brancas! Varrei o campo! Dizei, antes de o estrangular, a cada um na mata: O Rei da Inglaterra transformou-se em um tigre no bosque de Killingworth. Avante!

Grande batalha.

Meio-dia.

Gaveston, James, o outro soldado.

JAMES — Cave, meu jovem. A batalha ferve. Seu amigo vencerá.

GAVESTON — Para que precisais de um buraco?

JAMES — É tempo de proteger nossa pele. Temos portanto que cumprir as instruções. Cave, senhor. Se quiserem verter água, Sir, podem fazê-lo aqui.

GAVESTON — A batalha se desenrola também em direção a Bristow. Quando há vento, ouvem-se os cavalos dos Galeses. Vocês leram sobre a Guerra de Troia? Pelo filho de minha mãe derrama-se também muito sangue. Edinho provavelmente anda perguntando onde está seu amigo.

JAMES — Dificilmente, Sir. Qualquer um em Killingworth lhe dirá que ele não deve mais esperar-vos. Cavai, senhor. Corre o boato, Sir, de que se viu vosso digníssimo cadáver irlandês no monturo de Killingworth. Se pode-se confiar num boato, não tendes mais cabeça, Sir.

GAVESTON — Para quem é a cova? James se cala. Será que não verei mais o Rei, James?

JAMES — Talvez o Rei dos céus, o Rei da Inglaterra dificilmente.

O OUTRO SOLDADO — Hoje muitos homens cairão pela mão de um soldado.

JAMES — Que horas são?

O OUTRO SOLDADO — Perto das doze.

Sete horas da noite.

Edward, Spencer, os Pares prisioneiros, entre esses também Mortimer.

Spencer conta os presos e anota seus nomes.

EDWARD — Está na hora. Chegou a hora em que este assassínio contra meu querido amigo, a quem, como se sabe, minha alma se prendia, Danyell Gaveston, este assassínio será expiado.

KENT — Irmão, tudo aconteceu por vós e pela Inglaterra.

EDWARD *liberta-o* — Já falastes, Sir, agora ide!

Kent sai.

EDWARD — Bem, orgulhosos Pares, não apenas o destino da batalha como também o da justa causa vence em seu devido tempo. Parece-me que abaixais vossas cabeças, mas saberemos levantá-las de novo. Velhacos, rebeldes, malditos patifes! Vós o tereis massacrado? Quando mandamos um mensageiro buscá-lo sob palavra e lacre, e tudo isso por escrito, para que ele viesse e ainda falasse conosco, vós dissestes sim? Então? Vós o tereis massacrado? Decapitado? Tu tens uma cabeça tão grande, Winchester. Essa cabeça deve agora sobrepujar as outras, como tua ira sobrepujou os outros.

ARCEBISPO — Quando fito seu rosto perjuro, desisto de chegar até você com palavras. Também um homem como você dificilmente confia na língua de quem se absolve da morte, mesmo falando a verdade. Você extinguiu do mundo todas as provas e confundiu as nossas, as suas e as relações de seu amigo, de modo que toda a eternidade não as percebesse. O que você sentencia, Edward, tem prazo muito curto.

EDWARD — E que diz você, Lancaster?

LANCASTER — O pior é a morte e antes a morte do que conviver com você num mundo como este.

MORTIMER *para si mesmo* — Mas apodrecer em harmonia comigo, que mais do que Edward sou carrasco deles, isso eles prefeririam.

EDWARD — Fora com eles! Cortai-lhes a cabeça!

LANCASTER — Adeus, tempos! Anteontem à noite, quando a lua crescente nasceu, Deus estava conosco. E agora, que surge uma lua mais fraca, acabou-se tudo. Adeus, meu Mortimer!

ARCEBISPO — Meu Mortimer, adeus!

MORTIMER — Quem ama sua pátria, como nós, morre facilmente. A Inglaterra chora por nós. A Inglaterra não esquece.

O Arcebispo, Lancaster, os Pares, menos Mortimer, são levados.

EDWARD — Um certo Mortimer, que tão esperto estava ausente, quando os mandei para a pedreira de Killingworth, encontra-se agora entre eles?

SPENCER — Sim, Mylord. Aqui está ele.

EDWARD — Afastai os outros. Com este, que não deve ser esquecido, Nossa Majestade ainda pretende fazer algo. Soltai-o, para que não desapareça na Inglaterra a lembrança do dia de*Killingworth. Vós, os Mortimers, contais inexpressivamente, estais à vontade nos livros, como as traças. Mas nos livros não há nada sobre Edward, que nada lê, nada conta, nada sabe, e que é ligado à natureza e nutre-se de alimento bem diferente. Podeis ir, Lord Mortimer. Ide, testemunho errante sob o sol, para mostrar como o filho de Edward Longshank vingou seu amigo.

MORTIMER — No que diz respeito a Vosso amigo, Danyell Gaveston, ele andava, às cinco horas, quando o Rei da Inglaterra transformou-se num tigre, ainda vivo no bosque de Killingworth. Se vós não tivésseis abafado as vozes, quando seus amigos começaram a falar, se uma confiança ínfima, uma paixão fortíssima e uma ira súbita não tivessem anuviado vosso olhar, vosso favorito Gaveston ainda viveria.

Sai.

EDWARD — Providenciai um enterro digno, caso o corpo de Gaveston seja encontrado. Mas não o procureis. Ele parecia um homem que está entrando na mata, atrás do qual os arbustos crescem e as ervas elevam-se, de modo que a selva o engole. Nós, porém, queremos lavar de nosso corpo o suor deste dia, comer e descansar, até que sejamos precisos para limpar do reino os restos desta guerra de irmãos. Pois não quero pôr-me a caminho de Londres, nem dormir a não ser na cama de soldado, antes que essa

estirpe, como uma gota de chuva no mar, desapareça antes de mim. Venha, Spencer.

Três horas da manhã.

Vento fraco.

ANNA *sozinha* — Porque Edward da Inglaterra, não querendo ouvir súplicas nem exigências, expulsou-me para Mortimer, o de Coração Frio, visto minhas vestes de viúva. Pois deixei-me cuspir o cabelo, quatro vezes, por ele, de modo que eu preferiria ficar sem cabelos, ao relento. Mas da quinta vez o vento sopra diferente e o céu é outro e meu fôlego tem novo ritmo. Para Londres!

MORTIMER *entrando* — Não faça isso, Mylady. Londres só tem pão e água para gente como nós.

ANNA — Onde está vosso exército, Conde Mortimer?

MORTIMER — Meu exército jaz entre salgueiros, chorões e uma pedreira de cal. E ainda um pântano traiçoeiro engoliu os filhos de muitas mães. Onde está vosso esposo, Mylady?

ANNA — Junto a Gaveston morto.

MORTIMER — E a irmã de França?

ANNA — Na encruzilhada entre Londres e Escócia. Ele incumbiu-me de buscar tropas da Escócia. No dia de Killingworth.

MORTIMER — E a mim incumbiu-me de perambular como testemunho vivo do dia de Killingworth. Decepou sete cabeças da Hydra: Tomara que ele encontre mais sete, quando despertar. Enredado em acampamentos e batalhas, o homem não escapa mais da guerra pelo morto Gaveston.

ANNA — Aquele que desprezou sua mulher diante de todos…

MORTIMER — Aquele que explorou seu reino como um cafetão…

ANNA — E me prendeu em laços e me expulsou…

MORTIMER — E estripou a pátria como a uma caça em sangue…

ANNA — Acerte nele, Mortimer.

MORTIMER — Porque ele a mandou embora como a uma cadela sarnenta…

ANNA — Porque ele me expulsou como a uma cadela imprestável…

MORTIMER — A quem foi uma rainha…

ANNA — Que era como uma criança em ingenuidade, sem saber do mundo e dos homens…

MORTIMER — Crave os dentes nele!

ANNA — Quero tornar-me uma loba dilacerando, nas matas, com presas afiadas, sem descanso, até que a terra cubra Edward, de há muito sem vida, Edward Gloster, meu esposo de antes — de anteontem — que a terra o cubra. Joga três mãos de terra atrás de si. Açulando os miseráveis das florestas, eu própria manchada da astúcia do mundo mau e

dos homens, espreitando como uma loba e assediada por lobos, molhada pela chuva do banimento, cruel pelos ventos estrangeiros.

MORTIMER — Terra sobre Edward da Inglaterra!

ANNA — Terra sobre Edward Gloster!

MORTIMER — Para a Escócia!

ANNA — Ah, Mortimer! Abate-se sobre nós uma guerra que lança ao final a ilha no oceano.

5

DEPOIS DE QUATRO ANOS DE GUERRA,
O REI Edward ENCONTRA-SE AINDA NOS ACAMPAMENTOS.
CHEGADA DA RAINHA ANNA.
O DIA DE HARWICH
(23 DE SETEMBRO DE 1324)

Tenda de acampamento em Harwich.

Edward, Spencer, Baldock.

EDWARD — Depois de muita traição por quatro anos, Edward da Inglaterra triunfou com seus aliados.

Entra um mensageiro, entrega uma mensagem.

SPENCER — Alguma novidade, Mylord?

EDWARD *rasga a mensagem* — Não. Sabeis de alguma?

SPENCER — Não.

EDWARD — Como assim, homem? Dizem que houve uma grande batalha e uma limpa no reino.

BALDOCK — Isso foi há quatro anos, se não me engano, Mylord.

EDWARD — Bons quatro anos. Viver em tendas e em exércitos é agradável. Cavalos são uma boa coisa. O vento purifica os pulmões. E mesmo que a pele enrugue-se e que o cabelo caia, a chuva lava os rins e tudo é melhor do que em Londres.

BALDOCK — Eu preferiria que estivéssemos xingando Londres em Londres.

EDWARD — Tendes ainda aquela lista?

SPENCER — Certamente, Mylord.

EDWARD — Peço que nos façais ouvi-la. Lede-a, Spencer.

Spencer lê a lista dos Pares executados.

EDWARD — Parece-me que aqui falta um nome. Mortimer. Tereis afixado uma recompensa para quem o trouxer?

SPENCER — Fizemos, senhor, e a renovamos anualmente.

EDWARD — Se ele aparecer na Inglaterra, logo estará aqui. Entram dois mensageiros.

SEGUNDO MENSAGEIRO — Boatos falam de navios e mais navios, vindos do norte.

EDWARD — Isso não quer dizer nada. São os pescadores de arenques que vêm do norte.

O mensageiro sai.

EDWARD — Os outros nomes de sua folha ladravam ainda anos atrás, agora não ladram nem mordem mais.

BALDOCK *para Spencer* — Ele não acredita em nada. Desde que entrou em decadência esforça-se para esquecer logo o que lhe dizem.

EDWARD — Onde estão as tropas escocesas? Sempre se fala de tropas. Em vão. Pois das tropas escocesas, para as quais enviamos a Rainha há quatro anos, não chega notícia alguma.

Entra o exército.

PRIMEIRO SOLDADO — O exército do Rei, provando sua eficácia em quatro anos de campanha, depois de ter morto como ratos tantos Pares, agora necessitando de provisão, de calçados e uniformes, pede ao Rei Edward, filho de Edward Longshank, o patrono do exército inglês, para poder esse ano, de novo, comer enguias do Tamisa.

SOLDADOS — Viva o Rei Edward!

SEGUNDO SOLDADO — Nossas mulheres querem parir. É apenas porque, talvez, isso não termine nunca, já que o Rei jurou que não quer mais dormir em cama, antes de ter forçado os outros a dobrarem os joelhos.

PRIMEIRO SOLDADO — E depois que alguns já voltaram para casa, dizendo que era por causa do testamento, do arrendamento da cerveja, ou de um parto, seria bom saber se o Rei pretende ir para Londres ou não.

TERCEIRO SOLDADO — Ides para Londres, senhor?

QUARTO SOLDADO — O que pretendeis?

EDWARD — Fazer guerra contra os grous dos céus, o peixe do alto-mar, que crescem mais rápido do que são mortos, segunda-feira contra o grande Leviatã, quinta contra os abutres de Gales. E agora: comer.

SPENCER — O Rei está febril, devido à fraca alimentação. Ide!

Spencer e Baldock empurram os soldados para fora.

EDWARD — Traga-me algo para beber, Baldock.

Baldock sai.

SPENCER — Eles não voltarão. Não quereis mesmo ir para Londres, senhor?

Entra o terceiro mensageiro.

TERCEIRO MENSAGEIRO — Mylord, há pessoas armadas no bosque de Harwich.

EDWARD — Deixai-os. São os servos dos comerciantes galeses. *Senta-se para almoçar*. Viram-se navios?

TERCEIRO MENSAGEIRO — Sim.

EDWARD — Há aldeias queimando no norte?

TERCEIRO MENSAGEIRO — Sim.

EDWARD — É a Rainha com as tropas escocesas que vem a nós.

SPENCER — Dificilmente.

EDWARD — Não quero que me observeis almoçando.

Spencer e mensageiro saem.

EDWARD *sozinho* — É um desgosto para o meu coração que meu filho Edward tenha sido seduzido para apoiar assim a maldade deles.

Entra Spencer.

SPENCER — Fugi, senhor! Não é mais hora de comer. Devo convocar vosso exército para a batalha?

EDWARD — Não. Edward sabe que seu exército sumiu e foi para casa.

SPENCER — Não quereis combater contra Roger Mortimer?

EDWARD — Ajudai-me, Deus meu! Ele está como o peixe em sua água.

Sai com Spencer e os soldados: atrás da cena corridas, batalhas, fuga.

Entram Mortimer, Anna, o jovem Edward, tropas.

ANNA — O Deus dos reis presenteia uma batalha bem-sucedida àqueles que combatem à sombra do direito. Porque comprávamos nosso sucesso, portanto nosso direito, que sejam dadas graças àquele que conduziu o planeta a nosso favor. Chegamos com armas nessa parte de nossa ilha, para que nenhuma raça, mais vil que as outras, tecendo força com força, faça da Inglaterra um deserto, sangrenta com as próprias armas, abatendo os próprios corpos. Como comprovou claramente o caso abominável do Edward corrompido que…

MORTIMER — Mylady, se quereis ser soldado, não podeis mostrar paixão em vossas palavras. A face desta ilha está mudada com a chegada, hoje, da Rainha da Inglaterra e de seu filho Edward.

Entra Rice ap Howell.

RICE AP HOWELL — O fugitivo Edward está num pequeno navio, abandonado pelo povo, zarpando, ao vento, para a Irlanda.

MORTIMER — Que os ventos o afoguem ou o abandonem. Mylords, agora que possuímos este reino, do mar da Irlanda até o mar da Mancha, elevai sobre vossos escudos o jovem Edward! Fazei o acampamento prestar-lhe um juramento! Mostrai o Príncipe Regente aos soldados!

O jovem Edward é levado; todos saem, exceto Mortimer e a Rainha.

ANNA — Agora ele tem suas tropas escocesas e sua cadela chega e o ataca. O que dele permanece são restos de comida e uma cama esburacada, enquanto meu corpo, quase virginalmente, começa a renascer.

MORTIMER — Temos que enviar tropas para o sul. Amanhã à noite tendes que estar em Londres. Ainda não temos notícias da frota irlandesa. Ela vai associar-se a nós, espero. Estais cansada?

ANNA — Estais trabalhando?

MORTIMER — Estou assegurando a Inglaterra para vós.

ANNA — Ah! Mortimer. Há menos prazer do que eu pensava em saborear os frutos desta vitória. São insossos, aguados; não é nada divertido.

MORTIMER — Estais preocupada com Edward?

ANNA — Como assim? Nem o conheço mais. Aqui na tenda está o seu odor. Estava melhor nas montanhas escocesas do que aqui na baixada pantanosa. O que pensais em oferecer-me agora, Mortimer?

MORTIMER — Estais saciada. É vossa carne saturada. Esperai por Londres.

Entra Baldock com a bebida.

MORTIMER — Quem é você, homem?

BALDOCK — Sou o Baldock do Rei Edward e trago de beber.

MORTIMER toma-lhe a bebida — Enforcai-o!

BALDOCK — Não vos posso dar conselho, digno senhor. Não é que eu não quisesse morrer: é o destino terreno e não dura muito. Mas na Irlanda, minha mãe não veria isso com bons olhos, senhor. Deixei a tenda para buscar água para ele — entre a sorte e o azar não há tempo de beber um gole de água — eu amava-o muito. E agora, voltando à tenda, tenho, infelizmente, que traí-lo. Ou seja, vós não o prendeis sem mim, pois só eu tenho caminho aberto a seu coração. Além disso, não o reconheceríeis, madame, nem também sua mãe, nem seu filho inocente. Pois o tempo e a vida transformaram-no muito.

MORTIMER — Muito bem; trazei-o a nós!

BALDOCK — A Bíblia nos ensina como se deve fazer. Quando vossos homens chegarem com algemas e correias, dir-lhe-ei: querido senhor, acalmai-vos, aqui tendes tuna toalha. E àquele que eu entregar a toalha, é este.

Perto de Harwich.

KENT sozinho — Ele fugiu ao primeiro golpe de vento. Está doente. Por que levantei tão pouco fraternalmente as armas contra você? Sentado na sua tenda, esse par nojento, em lua de mel, volta-se contra a sua vida, Edward. Que Deus faça chover vingança sobre minha cabeça maldita. Assim como a água não corre para a montanha, assim também a injustiça não perdurará e vencerá o direito.

6

PRISÃO DO REI EDWARD
NO DEPÓSITO DE FARINHA DA
ABADIA DE NEATH
(19 DE OUTUBRO DE 1324)

Abadia de Neath.

Edward, Spencer, Abade.

ABADE — Mylord, não desconfieis, não temais. Esquecei que fui desonrado por vós, em tempos que muito mudaram. Nessas tempestades, sois e somos apenas mendigantes de Nossa Senhora do Naufrágio.

EDWARD — Padre, comovido pela aparência, da minha carne, todo coração deve parar de bater por causa das mudanças dos tem pôs.

ABADE — Tomai estas almofadas, já que quereis esconder-vos dos olhos hostis, aqui no depósito de farinha.

EDWARD — As almofadas não, Abade. Deixai ao soldado a cama de campanha.

Entra Baldock.

EDWARD — Quem vem lá?

BALDOCK — Baldock do Rei Edward.

EDWARD — Nosso único amigo. É consolo para o acossado, quando um irmão o procura em seu esconderijo. Beba de nossa água conosco, coma nosso pão e sal.

BALDOCK — A lua mudou três vezes, desde que vos vi no acampamento de Harwich.

SPENCER — Como andam as coisas em Londres?

BALDOCK — Dizem que em Londres está tudo de cabeça para baixo.

EDWARD — Venha, Spencer! Venha, Baldock! Sente-se a meu lado! Tire a prova,

agora, de sua Filosofia que você sorveu em Platão e Aristóteles, nos seios da famosíssima sabedoria. Ah! Spencer. Já que as palavras são cruas, e que apenas afastam coração de coração, e que a compreensão não nos é dada, resta nessa surdez apenas o contato dos corpos entre os homens. Mas também isso é muito pouco e tudo é vão.

Entra um monge.

MONGE — Um segundo navio cruza pelo porto, Padre.

ABADE — Desde quando?

MONGE — Há alguns minutos.

EDWARD — Que estais a dizer?

ABADE — Nada, senhor. Para Spencer: Alguém vos viu aproximar-se?

SPENCER — Ninguém.

ABADE — Esperais ainda alguém?

SPENCER — Não, ninguém.

MONGE — O navio está atracando.

BALDOCK — Dizei, Rei Edward, por que poupastes Roger Mortimer no Dia de Killingworth, quando ele estava em vossas mãos?

Edward se cala.

BALDOCK — Hoje teríeis talvez o vento para a Irlanda. Se estivésseis na Irlanda, estaríeis salvo.

SPENCER — O vento nos abandonou, afoga-nos simplesmente.

EDWARD — Mortimer! Quem está falando de Mortimer? Um sanguinolento. Deito a cabeça em seu colo, Abade, cansado do sofrimento e da crueldade. Que jamais venha a abrir os olhos!

BALDOCK — Que barulho é esse?

SPENCER — Nada. É o vento que traz a neve.

BALDOCK — Pensei que um canto do galo. Era um som errante.

SPENCER — Abri os olhos, Mylord! Baldock, essa sonolência não é um bom sinal. Assim, nós já fomos traídos.

Entra Rice ap Howell com tropas.

SOLDADO — Aposto Gales: são eles.

BALDOCK *para si mesmo* — Veja como ele está ali sentado, esperando escapar de mãos assassinas, sem ser visto, como se as moscas o cobrissem.

RICE AP HOWELL — Em nome da Inglaterra: quem de vós sois o Rei?

SPENCER — Aqui não há Rei.

BALDOCK *dirige-se a Edward* — Tomai esse pano, rogo-vos, senhor, tendes suor na

testa.

RICE AP HOWELL - Pegai-o. É este.

Edward saindo, entre homens armados, olha para Baldock.

BALDOCK chora — Minha mãe, na Irlanda, precisa comer pão. Senhor, perdoai-me!

7

O REI EDWARD,
PRISIONEIRO NO CASTELO DE SHROWSBURYE,
RECUSA-SE A ABDICAR DA COROA.

Shrowsburye.

O Abade, agora Arcebispo de Winchester, Rice ap Howell.

ABADE — Quando ele sucedeu a seu pai Edward, gozou bem seu tempo com um homem de nome Gaveston que me batizou com água de esgoto, em um beco escuro perto da Abadia de Westminster. Depois, em consequência de um erro, envolveu-se num juramento selvagem e virou um tigre. Pouco mais tarde, abandonou-o, como muitos outros, a Rainha, que durante algum tempo foi muito fiel a ele. Tornei a vê-lo depois de alguns anos, já náufrago e manchado de muito sangue e vício, sob minha proteção, na Abadia de Neath. Hoje sou o Arcebispo de Winchester, sucessor de um homem a quem ele decepou a cabeça e tenho a incumbência de exigir-lhe a coroa.

RICE AP HOWELL — Ele recusa comida e bebida, desde que está preso. Sede cauteloso, não atingireis sua cabeça, atingireis seu coração.

ABADE — Quando ouvirdes de minha boca as palavras: “Permiti que eu comece com a fórmula”, aproximai-vos com alguns outros, como testemunhas da abdicação do segundo Edward. Pois quero tirar-lhe essa confissão, imperceptivelmente e, portanto, sem dor, como a um dente podre.

Entra Edward.

RICE AP HOWELL — Ele fala sempre. Ouvi-o e não dizei nada. Falar é melhor que pensar. Crede que ele se aquece com suas palavras. Pensai que ele está com frio. Não quereis comer, Mylord? Por que recusais a comer?

Edward se cala. Rice ap Howell sai.

EDWARD — A corça ferida corre para pegar uma erva que feche seu ferimento. Mas se fende-se a carne do tigre, este rebela-se com garras aguçadas. Muitas vezes penso que tudo isso está sempre mudando, e quando penso que sou rei, parece-me que deveria vingar-me do crime que Anna e Mortimer cometeram contra mim. Embora nós, reis,

quando o poder se vai, sejamos apenas algumas sombras nítidas de um dia de sol. Acho, sem dúvida, que muita coisa é passageira. Os Pares governam e eu sou chamado de Rei. E minha rainha infiel, que outrora era-me repugnante pela afeição de cadela e de má índole e a quem o amor, pela sua inconstância, jamais brotou espontâneo como o cabelo, mancha meu leito nupcial, enquanto o sofrimento e a preocupação me chega até os cotovelos e sangro até a morte e o sofrimento me aperta o coração. Então volto a pensar: tivesse eu ao menos um teto…

ABADE — Deus pinta os rostos com sofrimento e palidez daqueles a quem ama. Gostaria Vossa Majestade de aliviar o peito em meu ouvido?

EDWARD — Extorqui com impostos os pescadores de Yarmouth que morriam de fome.

ABADE — Que mais oprime seu coração?

EDWARD — Ter prendido na cidade minha esposa Anna durante o mês seco de agosto do ano 15. Por mero capricho.

ABADE — Que mais oprime seu coração?

EDWARD — Ter poupado Roger Mortimer por um prazer malévolo.

ABADE — Que mais oprime seu coração?

EDWARD — Ter espancado meu cão Truly até feri-lo. Por soberba.

ABADE — E que mais oprime seu coração?

EDWARD — Nada.

ABADE — Nem perversões contra a natureza, nem derramamento de sangue?

EDWARD — Nada. Oh! Desgraça desta vida humana! Dizei, Padre, tenho agora que entregar a coroa e fazer o pérfido Mortimer rei?

ABADE — Enganai-vos, Mylord, pede-se, com profundo respeito, a coroa para a cabeça do pequeno Edward.

EDWARD — Sei que é para Mortimer, e não para Edward que é apenas um cordeiro entre dois lobos que vão devorar-lhe rápido o pescoço.

ABADE — Essa criança em Londres está nas mãos de Deus. E muitos dizem que vossa abdicação seria boa para vós e vosso filho.

EDWARD — Por que eles contam o que é mentira para alguém que mal levanta as pálpebras de fraqueza? Dizei sem medo de minha fraqueza: fazeis isso para que a videira da Inglaterra sucumba e o nome de Edward não apareça em nenhuma crônica.

ABADE — Mylord, os últimos tempos devem ter sido muito rudes para vós, fazendo com que acrediteis tão duramente na maldade do homem. Já que você abriu seu coração a mim, meu filho, deite sua cabeça outra vez no meu colo e ouça.

Edward deita a cabeça no colo do abade.

ABADE — Deponha sua coroa, Edward, e seu coração ficará aliviado.

EDWARD *tira a coroa, depois* — Deixe-me usá-la só por hoje! Você deverá ficar a meu lado até a noite, e quero jejuar e gritar: continue a brilhar, sol! Não deixe a lua negra possuir esta Inglaterra! Acalmai-vos, nas margens, marés altas e baixas! Parai! E vós, lua e estações, parai, para que eu ainda continue Rei da bela Inglaterra. Pois um dia como este passa rápido. *Torna a colocar a coroa*. Monstros, alimentados com leite de tigre, cobiçam avidamente a queda do Rei. Bestas, desviai os olhos da Abadia de Westminster! Não posso tirá-la; meus cabelos, que cresceram com ela, vão-se também. Oh! ela foi para mim, durante todo o tempo, um peso leve. Era como a leve coroa do ácer, muito leve e doce de usar. E o tempo todo estará colado a ela um pouco de sangue e um pedacinho de pele, um sangue bem preto, de Edward — Impotência, Pobreza e Presa de Tigres.

ABADE — Moderai-vos. É apenas um fluxo verde do corpo macerado, do engano, do assobio do vento em noite chuvosa. Tirai o linho, desnudai o peito! Coloco imediatamente a mão sobre vosso coração que bate de leve, porque a mão é real.

EDWARD — Se ela fosse realidade e realidade fosse tudo isso, a terra abrir-se-ia e engolir-nos-ia completamente. Mas, porque ela não se abre, e, portanto, é sonho, ilusão, não tendo nada a ver com a realidade vulgar do mundo e com o dia mais comum tiro a coroa.

ABADE — Isso mesmo. Arranque-a! Ela não é sua carne.

EDWARD — Certamente que não é real, porque tenho que despertar no Castelo de Westminster, depois de 13 anos de guerra que felizmente acabou, em Londres. Eu, Edward, Rei da Inglaterra, no livro de batismo de Carnarvon e filho de Edward Longshank, segundo os documentos da Igreja.

ABADE — Estais suando? Precisais comer! Levo-a de vossos olhos. Apressai-vos!

EDWARD — Há pressa? Tomai-a, segurai-a! Mas com um pano, se quiserdes; ela está molhada. Apressai-vos! É quase noite! Ide! Dizei-lhe que Edward não quis comer neve com os lobos em Shrowsburye, e a entregou por um teto no inverno que já ameaçava.

ABADE — Então, permiti que comece com a fórmula: Eu, Thomas, Arcebispo de Winchester, pergunto-lhe, Edward da Inglaterra, o segundo deste nome, filho de Edward Longshank: Estais disposto a abdicar da coroa e renunciar aos direitos e pretensões usufruídos até agora?

Rice ap Howell e outros entram.

EDWARD — Não, não e não! Mentirosos! Vis! Medis o mar com vosso pequeno copo? Caí na armadilha? Falei demais? Viestes desta vez sem alarde, homem? Tendes outra nova roupagem, Abade? Já mandei cortar uma vez a sua cara, Winchester. Rostos desse tipo multiplicam-se de tal forma que a nós nos constrangem. Nesse caso um certo Mortimer costuma dizer: como pulgas. Ou, quando vos lavei no esgoto, vosso rosto se desgastou tanto, que eu não o vi quando deitei minha cabeça no vosso colo? É, Abade, as coisas desta terra não são duráveis.

ABADE — Não vos iludeis! Se achais vossa mão boa demais para atingir meu rosto, confiai: ele é real.

EDWARD — Ide depressa! É noite. Dizei aos Pares: Edward morrerá logo. Menos

pressa seria mais cortês. Dizei também que ele vos permitiu não chorar muito quando os sinos fúnebres dobrarem por ele, mas pediu que vos ajoelhásseis dizendo: Agora ele está melhor. Dizei: Ele pediu-nos para não crermos em sua tolice, quando dissesse algo que soasse como renúncia à coroa. E disse três vezes: não!

ABADE — Mylord, que se faça exatamente como dizeis. Ao que nos diz respeito, apenas move-nos a preocupação com nossa mãe Inglaterra. Depois que se procurou em Londres, durante dois dias, alguém que não fosse vosso inimigo, não se achou ninguém a não ser eu. E com isso, pedimos licença!

Sai com os outros, menos Rice ap Howell.

EDWARD — Agora, Rice ap Howell, dai-me a comida. Pois Edward vai comer. Senta-se e come. Agora que não renunciei, sei que a próxima coisa que trarão será minha morte.

Entra Berkeley com uma carta.

RICE AP HOWELL — Que trazeis, Berkeley?

EDWARD — O que já sabemos. Desculpai, Berkeley, que estamos à mesa. Venha, Berkeley, revele sua mensagem a meu coração aberto.

BERKELEY — Acreditais, Mylord, que Berkeley vai manchar as mãos?

RICE AP HOWELL — Uma ordem de Westminster diz que devo entregar meu cargo.

EDWARD — E quem deve agora vigiar-me? Vós, Berkeley?

BERKELEY — Assim foi decidido.

EDWARD *toma a carta* — Por Mortimer, cujo nome está escrito aqui. *Rasga a carta.* Assim seu corpo será rasgado como este papel.

BERKELEY — Vossa Graça deve ir imediatamente a cavalo para Berkeley.

EDWARD — Para onde quiserdes. Qualquer lugar é a mesma coisa. E qualquer terra presta-se para enterrar-me.

BERKELEY — Vossa Graça acha que Berkeley é cruel?

EDWARD — Não sei.

8

NOS ANOS DE 1324 A 1326
O PRISIONEIRO REI EDWARD
PASSA DE UMA MÃO PARA OUTRA

Shrowsburye.

RICE AP HOWELL *sozinho* — Compadeci-me de sua situação. É a razão por que Berkeley o teve de remover.

Entra Kent.

KENT — Diz-se em Londres que o Rei renunciou.

RICE AP HOWELL — Mentira.

KENT — Mortimer está dizendo isso.

RICE AP HOWELL — Ele mente. Diante destes ouvidos, o Rei disse três vezes: não.

KENT — Onde está meu irmão?

RICE AP HOWELL — Há treze dias, Berkeley levou-o consigo.

KENT — Londres supõe que ele está aqui entre vós.

RICE AP HOWELL — Berkeley tinha ordem assinada por Mortimer.

KENT — É curioso que ninguém tenha visto o Rei face a face, é curioso que ninguém o tenha ouvido, é curioso que ele agora só fala pela boca de Mortimer.

RICE AP HOWELL — Isso de fato é curioso.

KENT — Por isso quero montar rapidamente e ir para Berkeley, para separar pela própria boca de Edward a mentira da verdade.

9

A RAINHA RI DO VAZIO DO MUNDO

Westminster.

A Rainha, Mortimer, os dois irmãos Gurney.

MORTIMER — Berkeley entregou-o a vós de boa vontade?

O VELHO GURNEY — Não.

ANNA *à parte* — Aqui entre as tapeçarias de Westminster há um cheiro de galos degolados. Andáveis mais facilmente no ar escocês.

MORTIMER *em conversa com os Gurneys* — Vede, Berkeley era um bunda mole que chorava facilmente. Bastava ver alguém a quem extraíram um dente, para perder os sentidos. Que a terra lhe seja complacente! Espero que não sejais também assim!

O VELHO GURNEY — Não, Mylord, não somos dessa espécie.

ANNA — Negócios! Negócios! As paredes de Westminster cheiram demais à História. Vossas mãos não vão despelar na lixívia de Londres? Vossas mãos são mãos de escriba.

MORTIMER — Onde está vosso prisioneiro?

O JOVEM GURNEY — Ao norte, leste, oeste, sul de Berkeley, Mylord.

MORTIMER — Vede, há pessoas às quais o ar fresco não pode fazer mal. Entendeis de Geografia? Podeis mostrar a Inglaterra a alguém que a conhecia tão pouco? Em todas as direções?

O VELHO GURNEY — Devemos então levá-lo para lá e para cá?

MORTIMER — De preferência onde não haja pessoas nem sol.

O VELHO GURNEY — Está bem, Mylord, para isso somos as pessoas indicadas.

ANNA — Deus! Deus! Jonas sentou-se esperando pela prometida ruína de Nínive. Só que Deus não veio mais naqueles dias e Nínive não se desfez. Mas comi bastante e estou farta e posso suportar mais do que quando estava em crescimento. Você ainda entende de Metafísica, Conde Mortimer?

MORTIMER — Certamente há pessoas que falam o dia todo.

O JOVEM GURNEY — Mas nós somos gente bem diferente.

MORTIMER — Já lestes algum dia uma crônica?

O VELHO GURNEY - Não.

MORTIMER — É bom assim.

Os dois Gurneys saem.

MORTIMER — Seguramos um velho lobo pelas orelhas que, se nos escapar, vem em cima de nós dois.

ANNA — Dormis mal? Vedes alguma coisa branca à noite? Com frequência? São lençóis, Mortimer, nada mais. Isso vem do estômago.

MORTIMER — Basta falar-se em seu nome e os Comuns já ficam com lágrimas nos olhos.

ANNA — Aquele, sobre quem pareceis falar, fica calado.

MORTIMER — Por que ele fica obstinado sem querer falar, deve-se cobrir a mentira com outra mentira.

ANNA — Negócios! Negócios! Para mim os dias em Westminster passam devagar demais e são muito numerosos.

MORTIMER — No catecismo o assassinato do cônjuge vem logo depois do parricídio.

ANNA — Vós tendes indulto.

MORTIMER — Com as coxas abertas e os olhos fechados, abocanhando tudo, sois insaciável, Anna. Comeis enquanto dormis e falais no sono, o que me desespera.

ANNA — Durmo, dizeis. Com o que me despertais?

MORTIMER — Com os sinos de Westminster e com os dentes cerrados. Pois diante desses Pares incrédulos, deveis coroar vosso filho.

ANNA — Meu filho não, peco-vos. Essa criança não, amamentada com leite de loba, em semanas em que ela, errante, era levada por pântanos e montanhas da sombria Escócia, essa criança não, inocente de olhar-se, com tantas noites insones, enlaçada em redes selvagens, com as quais pescais.

MORTIMER — Retirando uma pequena carga da lama envelhecida do dique, tenho que ver pendurada nela, apesar da carne extenuada, algas humanas. Cada vez mais. Içando-me com esforço, sinto sempre um novo peso. E em volta dos joelhos do último dos mortais um último ainda. Malhas humanas. E pilotando à frente desse cortejo de malhas humanas, sem respirar, puxando eles todos, eu.

ANNA — Dizei o nome de vossas algas humanas. Meu esposo Edward? Meu filho Edward?

MORTIMER - Vós.

ANNA — Temendo, outrora, muitas vezes, que os braços enfraquecidos, com os quais sustentei um homem, pudesse falhar, reconheço agora, quando a idade mistura, em mim, o fluxo das veias com o cansaço, como único remanescente dos rijos braços estendidos, a mecânica vazia do ato de segurar. Roger Mortimer, estou cansada e velha.

Entra o jovem Edward.

MORTIMER — Abotoai vossa roupa, Anna, para que vosso filho não veja a carne em lágrimas.

JOVEM EDWARD — Afastai o terceiro de nossos olhos, mãe. Quero conversar convosco.

ANNA — Conde Mortimer, filho, é o apoio de sua mãe.

JOVEM EDWARD — Peco-vos notícias de meu pai Edward.

ANNA — Se dependesse de você, filho, uma decisão altamente perigosa de sua mãe, diga, você iria com ela à Tower, se através do teor da resposta os dados assim fossem lançados?

JOVEM Edward *fica calado*.

MORTIMER — Demonstrais uma astuta cautela, Edward.

JOVEM EDWARD — Deveríeis beber menos, mãe.

Anna *ri*.

O jovem Edward sai.

MORTIMER — Por que estais rindo?

Anna se cala.

MORTIMER — Preparemos rapidamente a coroação do menino. Pois nosso acerto terá uma outra aparência se assinado com o nome de um rei.

ANNA — Aconteça o que acontecer — os céus perdoarão ou não — provei do vosso sangue e não vos abandono até que tudo venha abaixo. Por enquanto escrevei, assinai, procedei como vos aprouver. Estais certo de que selarei tudo. Ri.

MORTIMER — Por que rides outra vez?

ANNA — Rio do vazio do mundo.

Estrada.

KENT sozinho — Berkeley está morto e Edward desaparecido. E Mortimer, cada vez mais ousado, afirma em Londres, que Edward renunciou à coroa diante de Berkeley. E Berkeley está morto e não fala mais. A luz agora está turva para nós, filhos de Edward

Longshank. Já houve indícios de que o céu ficaria mais claro. Os Comuns ficaram intranquilos e exigiram que se desse conta do prisioneiro e muitos chamaram-no de pobre Edward. Em Gales, o povo resmungava contra o açougueiro Mortimer. Mas, agora, só talvez corvos e gralhas sabem do paradeiro de Edward da Inglaterra. E crio a esperança de que meu arrependimento não seja tarde. Quem é aquele pobre homem entre lanças e dardos?

Entram Edward, os dois Gurneys, soldados.

JOVEM GURNEY - Alto! Quem vem lá?

VELHO GURNEY — Fique de olho nele! É seu irmão Kent.

EDWARD — Nobre irmão, ajude-me e liberte-me!

VELHO GURNEY — Separai-os! Levai o preso!

KENT — Soldados, deixai-me perguntar-lhe apenas uma coisa.

JOVEM GURNEY — Fechai-lhe a boca!

VELHO GURNEY — Fora com ele!

Edward é levado.

KENT *sozinho* — Edward! Você renunciou? Edward! Edward! Ai de nós! Eles laçam o Rei da Inglaterra como um bezerro.

10

3 DE DEZEMBRO DE 1325.
O PODEROSO CONDE MORTIMER
É ACOSSADO PELOS PARES
POR CAUSA DO REI DESAPARECIDO

Westminster.

Mortimer, Rainha, Abade, Rice ap Howell.

ABADE — Mylord, cresce como um cancro um boato de que Edward não renunciou.

MORTIMER — Em Berkeley, aos ouvidos de Roberto Berkeley, Edward II renunciou de espontânea vontade.

ABADE — Aos meus ouvidos, em Shrowsburye, Edward gritou claramente: não.

RICE AP HOWELL — O mesmo muitas vezes na minha frente.

ABADE — Seria útil, se Berkeley testemunhasse sob juramento, frente aos Comuns, como e diante de quem Edward depôs a coroa.

MORTIMER — Hoje recebi notícias de Lord Berkeley de que ele está a caminho de Londres.

RICE AP HOWELL — E onde está o Rei?

MORTIMER — Em Berkeley, senão onde? Muito conhecimento, Rice ap Howell, reduz o apetite. Desde que deixei os livros e a ciência, durmo mais sadio e digiro melhor.

RICE AP HOWELL — Mas onde está Edward?

MORTIMER — Nada sei de vosso Edward, a quem não amo, não odeio, e com quem nunca sonhei. Ocupai-vos com as coisas que lhe dizem respeito, com Berkeley, não comigo. Vós próprios, Winchester, fostes contra ele.

ABADE — A Igreja estava com aquele com quem Deus estava.

MORTIMER — Com quem Deus estava?

ABADE — Com quem vencia, Mortimer.

Entra Kent com o jovem Edward.

KENT — Ouve-se dizer que meu irmão não está mais em Shrowsburye.

MORTIMER — Vosso irmão está em Berkeley, Edmundo.

KENT — Ouve-se que ele também não está em Berkeley.

MORTIMER — Desde Harwich os boatos crescem como cogumelos na chuva.

ANNA — Venha para sua mãe, filho.

MORTIMER — Como está vivendo meu mui digno Lord Kent?

KENT — Com saúde, digno Mortimer. E vós, Mylady?

ANNA — Bem, Lord Kent. Os tempos estão bons para mim, e estou bastante satisfeita. A semana passada fui pescar em Tynemouth.

MORTIMER — Uma boa pesca em Tynemouth, anos atrás, não teria sido nada mal para um certo homem.

ANNA — Vinde conosco na próxima semana pescar em Tynemouth, Kent.

MORTIMER *de lado* — Comeis demais e não mastigais, Anna.

ANNA *de lado* — Como, bebo e amo, sempre convosco.

ABADE — Que dizeis de Berkeley, Mylord?

MORTIMER *para Kent* — Estivestes desaparecido de Londres por três semanas.

KENT — Cavalguei por toda a parte neste país estraçalhado e vi, refletindo, o rastro de meu irmão.

JOVEM EDWARD — Mãe, não tente me convencer a tomar a coroa. Não vou fazê-lo.

ANNA — Conforme-se. Os Pares estão exigindo.

MORTIMER — Londres quer isso também.

JOVEM EDWARD — Deixai-me falar antes com meu pai, depois posso fazê-lo.

KENT — Bom pronunciamento, Ed.

ANNA — Irmão, sabeis ser isso impossível.

JOVEM EDWARD — Ele está morto?

KENT — Em Londres fala-se muita coisa. Tereis notícias, Roger Mortimer?

MORTIMER — Eu? Na rua estreita, ao sol do meio-dia, viram-se cinco tubarões dirigirem-se a uma taverna, tomarem cerveja e depois, já meio altos, ajoelharem-se na Abadia de Westminster.

Riem.

KENT — Certamente oravam pela alma de Berkeley.

MORTIMER — Volúvel Edmundo, você quer agora o bem dele, você que foi a causa de sua prisão?

KENT — Tanto mais razão agora para reparar o mal.

JOVEM EDWARD — É.

KENT — Aconselho-o, Ed, a não se deixar enganar. Não tome a coroa da cabeça de seu pai.

JOVEM EDWARD — Também não quero.

RICE AP HOWELL — Ele não quer, Edward.

MORTIMER *toma o jovem Edward, leva-o à Rainha* — Mylady, explique a vosso filho Edward que a Inglaterra não está acostumada a suportar contradições.

JOVEM EDWARD — Socorro, tio Kent. Mortimer quer fazer-me sofrer.

KENT — Tirai a mão do sangue real inglês!

ABADE — Quereis mesmo coroá-lo em tamanha confusão?

MORTIMER — Segundo a lei.

RICE AP HOWELL — Segundo vossa cabeça.

ABADE — Assim, pergunto-vos diante da lei, em presença do filho, da mulher e do irmão do homem: O Rei Edward renunciou?

MORTIMER - Sim.

ABADE — E vossa testemunha?

MORTIMER — Roberto Berkeley.

KENT — Que está morto.

RICE AP HOWELL — Berkeley está morto?

KENT — Há sete dias.

RICE AP HOWELL — Não dissestes que tivestes hoje a notícia de que ele está a caminho de Londres?

ABADE — Já que vossa testemunha, Lord Mortimer, deixou este mundo, há sete ou há dois dias, vou com vossa permissão, a Berkeley, para obter esclarecimentos.

KENT — Em Berkeley achareis sangue no soalho mas não o Rei.

RICE AP HOWELL — Não dissestes que o Rei está em Berkeley?

MORTIMER — Eu pensava. Nosso tempo foi muito limitado. Os rebeldes de Gales davam-nos ainda muito que fazer. Com mais tranquilidade e em tempo oportuno, muita coisa esclarece-se por si mesma.

ABADE — Então vossa primeira testemunha, o Berkeley, está muda e a segunda, Edward, desaparecida?

MORTIMER — Mesmo que tenha que pescar pela ilha toda com redes, eu vou encontrar a testemunha.

KENT — Pescai antes vosso exército, Mortimer. Vi meu irmão entre lanças e dardos levado na estrada pela ralé.

ABADE — Vosso irmão vos falou?

RICE AP HOWELL — Estais pálido, Mylord.

KENT — Sua boca estava amordaçada. O que achais, Arcebispo, que essa boca teria testemunhado?

MORTIMER — Você mente, dizendo que ele não teria renunciado? Cortamos-lhe a cabeça conforme nosso estado de sítio.

JOVEM EDWARD — Mylord, ele é meu tio e não aceito isto.

MORTIMER — Mylord, ele é vosso inimigo e assim ordeno.

KENT — Você precisa também da minha cabeça, grande abatedor Mortimer? Onde está a cabeça do primeiro filho de Edward Longshank?

ABADE — O homem não está em Berkeley nem em Shrowsburye. Onde está o homem hoje, Roger Mortimer?

JOVEM EDWARD — Mãe, não permiti que ele acabe com o tio Kent.

ANNA — Não me peça nada, filho! Não posso dizer nem uma palavra.

KENT — Perguntais ao assassino pelo assassinado? Procurai no Tamisa, procurai no pinhal escocês o túmulo daquele que não encontrou mais esconderijo, porque prendeu nos dentes a palavra “sim” de que vós tanto precisais.

RICE AP HOWELL — Onde está o homem hoje, Roger Mortimer?

ABADE — Ele renunciou?

MORTIMER — Convocai os Comuns para 11 de fevereiro. Diante deles, Edward confirmará sua renúncia de viva voz. Eu, porém, colhendo desconfianças, onde semeei gratidão, disposto a testar diante de Deus meu coração e cada hora que vivi em Westminster, devolvo a vossas mãos o meu cargo, Rainha, retomando aos livros, que, meus únicos amigos verdadeiros, troquei há anos pela adversidade da guerra e a inveja do mundo, eu acuso diante dos Pares e de vós, Edmundo Kent, filho de Edward Longshank, de alta traição e exijo sua cabeça.

ABADE — Ousais muito.

MORTIMER — Está em vossas mãos, Mylady.

ANNA — Minha sentença é: que Edmundo Kent seja banido de Londres.

KENT *para Mortimer* — Isso você deverá pagar com juros. Kent deixa com prazer esta Westminster onde nasceu e onde agora aboletam-se um reprodutor e uma mulher no cio.

ANNA — Conde Mortimer, continuais nosso Lord-protetor.

ABADE — Eu convoco os Comuns para 11 de fevereiro para que pela própria boca do pobre Edward seja-nos anunciada a verdade nua e crua.

Saem todos, exceto Mortimer.

MORTIMER sozinho, faz entrarem os dois Gurney — Ensinai a vosso homem dizer

“sim” a toda pergunta. Ferrai-lhe isso na mente. No dia 11 de fevereiro, porém, estejai em Londres. Tendes plenos poderes. Ele precisa dizer “sim”.

11

O REI EDWARD AVISTA, NOVAMENTE,
APÓS AUSÊNCIA DE QUATORZE ANOS,
A CIDADE DE LONDRES

Diante de Londres.

Edward, os dois Gurney.

O VELHO GURNEY — Mylord, não olheis tão pensativo.

EDWARD — Desde que estais aqui, sempre que anoitece levais-me adiante. Aonde ainda tenho que ir? Não andeis tão rápido. Porque não tenho o que comer, estou muito fraco, meus cabelos estão caindo e desmaio com o cheiro do meu corpo.

JOVEM GURNEY — Estais então animado, senhor?

EDWARD — Estou.

VELHO GURNEY — Estamos chegando numa cidade grande. Estais alegres por rever a enguia?

EDWARD — É.

O JOVEM GURNEY — Não são pastos ali, senhor?

EDWARD — São.

O VELHO GURNEY — A enguia não gosta quando .uma pessoa mal lavada lhe visite. Aí está a água do canal. Sentai-vos, por favor, para que vos barbeemos.

EDWARD — Não com água de esgoto.

JOVEM GURNEY — Desejais então que vos barbeemos com água de esgoto?

Barbeiam-no com água de esgoto.

O VELHO GURNEY — As noites começam a encurtar.

O JOVEM GURNEY — Amanhã é 11 de fevereiro.

O VELHO GURNEY — Não foi um certo Gaveston que vos levou à desgraça?

EDWARD — Foi. Desse Gaveston lembro-me muito bem.

O JOVEM GURNEY — Quieto!

O VELHO GURNEY — Fareis tudo que vos mandarem?

EDWARD — Sim. Aqui é Londres?

O JOVEM GURNEY — É a cidade de Londres, senhor.

12

11 DE FEVEREIRO DE 1326

Londres.

Soldados e vagabundos diante de Westminster.

PRIMEIRO — O 11 de fevereiro será um dos dias mais importantes da História de Londres.

SEGUNDO — Congelam-se os pés numa noite assim.

TERCEIRO — E teremos ainda que suportar sete horas.

SEGUNDO — Será que Ed já está aí dentro?

PRIMEIRO — Ele tem que passar por aqui para ir ao Parlamento.

SEGUNDO — Há luz de novo lá em cima em Westminster.

TERCEIRO — Será que a enguia vai persuadi-lo?

PRIMEIRO — Aposto uma moeda na enguia.

SEGUNDO — E eu duas moedas em Ed.

PRIMEIRO — Como é o seu nome?

SEGUNDO — Smith. E vós?

PRIMEIRO — Baldock.

TERCEIRO — De manhã nevará com certeza.

Westminster.

Edward, encapuzado, os dois Gurneys.

O VELHO GURNEY — Estais alegre de estar agora com a enguia?

EDWARD — Estou. Quem é a enguia?

O JOVEM GURNEY - Logo vereis.

Os dois Gurneys saem. Entra Mortimer.

MORTIMER — Já que o mercado suarento de Londres chegou quase a fazer minha cabeça depender desses minutos, do “sim” ou do “não” da boca do humilhado, quero arrancar-lhe este “sim” como um dente, já que ele está muito fraco.

Tira o manto de Edward.

EDWARD — Aqui é Westminster e vós sois a enguia?

MORTIMER — Chamam-me assim. É um animal inofensivo. Estais cansado; comereis, bebereis e tomareis banho. Estais de acordo?

EDWARD — Sim.

MORTIMER — Procurareis um amigo.

Edward olha para ele.

MORTIMER — Sereis levado ao Parlamento da Inglaterra. Testemunhareis aos Pares que renunciastes.

EDWARD — Aproximai-vos, Mortimer. Podeis sentar-vos. Mas por causa de nossa saúde deveras abalada, resumi em poucas palavras vosso assunto.

MORTIMER *para si mesmo* — Ele está jogando duro. Tira sua força do solo de Westminster como Anteu da terra. Alto: A brevidade é o sal da sopa aguada. Trata-se da resposta referente à renúncia em favor de vosso filho Edward.

EDWARD — Há treze anos distante de Westminster, depois de longa campanha, do exercício espinhoso do comando, a necessidade da carne levou-me à ocupação sóbria na construção e destruição desse meu corpo.

MORTIMER — Compreendo-vos. A peregrinação noturna e a decepção humana tornam-nos pensativos. E tendes ainda a intenção de continuar exercendo vosso cargo, depois das dificuldades de que falais e que suportastes pacientemente, e portanto com a saúde abafada?

EDWARD — Não está em nossos planos.

MORTIMER — Então estareis de acordo?

EDWARD — Não está em nossos planos. O problema central desses últimos dias esclarece-se. Edward, cuja ruína inevitável mas não horrenda aproxima-se, reconhece-se a si mesmo. Sem vontade de morrer, ele saboreia a utilidade da destruição redutora. Edward, que não é mais o pobre Edward, paga gratuitamente com a. morte esse prazer do degolador. Vinde, quando for a hora, vós mesmos, Mortimer.

MORTIMER — Vejo-vos enrolado em vós mesmos, enquanto eu, já há muito não

mais manchado com o gosto do poder, carrego nos ombros a ilha, que uma mera palavra de vossa boca arranca da guerra civil. Talvez pouco sensível, mas sabendo muito, se bem que não como um rei, mas talvez com justiça, se quiserdes ao invés de tudo isso, apenas a voz crua e balbuciante da pobre Inglaterra, exijo de vós e peco-vos: renunciai.

EDWARD — Não nos abordeis com exigência tão pobre! Entretanto gostaria, nesta hora de esclarecimento meu, de sentir vossas mãos em meu pescoço.

MORTIMER — Lutais bem. Como conhecedor de bons retóricos, e sendo chamado de enguia, honrando vosso bom gosto, peco-vos, entretanto, em nossa sóbria questão, a essa hora tardia da noite, resposta rápida.

Edward se cala.

MORTIMER — Não fecheis vossos ouvidos! Para que a severidade da língua humana, o capricho do momento e o mal-entendido não lancem finalmente a Inglaterra no oceano, falai!

Edward se cala.

MORTIMER — Renunciareis hoje ao meio-dia diante dos Comuns?

Edward se cala.

MORTIMER — Não quereis renunciar, recusais?

EDWARD — Embora Edward tenha que resolver rapidissimamente problemas mais complexos do que você os conhece, dinâmico Mortimer, ele evita expressar arrogantemente qualquer coisa, porque ainda está nesse mundo, e opinar em vossos assuntos que à longa distância parecem-lhe muito sombrios. Por isso ele não responde sobre vossa questão nem “sim” nem “não”. Sua boca, de agora em diante, estará fechada.

Westminster.

MORTIMER *sozinho* — Enquanto ele estiver vivo, isso pode vir à tona. Depois que nem o vento rude pôde arrancar-lhe sua disparatada capa, nem o sol ameno pôde tirá-la, que ele vá com ela à perdição. Um pedaço de papel, preparado cuidadosamente, inodoro, que nada comprove, porá ordem nesse incidente. Se ele, à minha pergunta, não sabe dizer “sim” nem “não”, eu lhe retribuirei na mesma moeda. “*Eduardum occidere nolite timere bonum est*“, deixando a vírgula de lado. Eles podem ler: “Temam matar Edward, não é bom.” Ou conforme o estado de inocência, se comeram ou jejuaram: “Temam matar Edward não, é bom”. “Temam matar Edward não é bom”. Sem vírgula, assim como está, assim seja. Abaixo de nós agora está a Inglaterra, acima de nós, Deus, que está muito velho. Eu, minha única testemunha, apresento-me diante dos Pares. Lightborn, venha!

Entra Eightborn.

MORTIMER — Se o prisioneiro, quando amanhecer, ainda não tiver aprendido nada,

não terá mais salvação.

Cloaca da Tower.

Os dois Gurneys.

O VELHO GURNEY — Ele está falando sem parar, hoje à noite.

O JOVEM GURNEY — É um assombro que esse rei não esteja exaurido. Cansado artificialmente, pois quando quer dormir, nossos tambores tocam, está num buraco, até os joelhos no esgoto, onde se despejam os encanamentos da Tower, e não diz “sim”.

O VELHO GURNEY — É curioso, irmão. Há pouco, quando abri a tampa para jogar-lhe carne, quase sufoquei com o cheiro.

JOVEM GURNEY — Ele tem um físico que suporta mais que o nosso. Está cantando. Quando se suspende a tampa, ouve-se ele cantar.

VELHO GURNEY — Acho que está compondo salmos porque é primavera. Abra aí, vamos interrogá-lo de novo.

VELHO GURNEY — Você diz “sim”, Edinho?

JOVEM GURNEY — Nenhuma resposta.

Entra Lightborn.

VELHO GURNEY — Ele ainda não se exauriu.

Lightborn entrega o papel.

JOVEM GURNEY — Que é isso? Não compreendo. “Temam matar Edward não é bom”.

VELHO GURNEY — Aqui está: “Temam matar Edward não”.

JOVEM GURNEY - Dê o sinal.

Lightborn dá o sinal.

VELHO GURNEY — Aí está a chave, aí a fechadura. Execute a ordem. Você precisa de mais alguma coisa?

LIGHTBORN — Uma mesa, um edredom.

JOVEM GURNEY — Aqui está uma lâmpada para a gaiola.

Os dois saem.

Lightborn abre a porta.

EDWARD — O buraco em que me prendem é a fossa — e há sete horas despejam-se sobre mim os excrementos de Londres. Mas seu esgoto fortifica meus membros. Eles já

estão como a madeira do cedro. O odor do lixo faz-me desmesuradamente grande. O bom ruído dos tambores acorda o enfraquecido, para que sua morte não o encontre desmaiado, mas desperto. Quem é? Que luz é essa? O que você quer?

LIGHTBORN — Consolar-vos.

EDWARD — Você quer me matar.

LIGHTBORN — Por que Vossa Alteza desconfia de mim? Suba, irmão.

EDWARD — Seu olhar fala-me apenas de morte.

LIGHTBORN — Não sou santo, mas também não sou sem coração. Vinde e deitai-vos.

EDWARD — Howell teve compaixão, Berkeley foi mais pobre de espírito, mas não manchou as mãos. O coração do velho Gurney é uma rocha do Cáucaso. Mais duro ainda é o jovem Gurney. E gelo é Mortimer. Em nome de quem você vem, homem.

LIGHTBORN — Estais pernoitado, senhor. Deitai-vos nesta cama e descansai um pouco.

EDWARD — A chuva foi boa, o jejum me saciou. Mas o melhor foi a escuridão. Todos ficaram indecisos, muito reservados, mas os melhores foram os que me traíram. Por isso quem é dissimulado que continue dissimulado, quem é impuro, impuro. Louvai a escassez, louvai a tortura, louvai a escuridão.

LIGHTBORN — Dormi, senhor.

EDWARD — Algo me sussurra e me sopra aos ouvidos que, se eu dormisse agora, jamais acordaria. É a expectativa que me faz tremer. Mas não consigo abrir os olhos, eles estão colados. Por isso diga-me a que veio.

LIGHTBORN — Para isso.

Sufoca-o.

Westminster.

MORTIMER *sozinho* — Anuncie-se a mim, 11 de fevereiro! Os outros, em comparação comigo, são apenas arbustos. Estremecem ao ouvir meu nome, não ousam envolver-me nessa morte. Deixe aparecer alguém!

Entra a Rainha.

ANNA — Mortimer, meu filho, que já ouviu a notícia do desaparecimento do pai e que já foi saudado como Rei, vem aqui, ciente de que somos os assassinos.

MORTIMER — Que importa se ele souber, pois é uma criança, tão frágil que uma gota de chuva poderia abatê-lo?

ANNA — Mas ele foi à Câmara pedir apoio e auxílio dos Pares, que como o povo esperam desde a matina pelo prometido Edward. Ele torce as mãos, assanha o cabelo, jura que se vingará de nós dois.

MORTIMER — Pareço-me com alguém que estará em breve debaixo da terra?

ANNA — Mortimer, agora sucumbiremos. Veja como ele vem e os outros com ele.

Entra o jovem Edward, o Abade, Rice ap Howell, Pares.

JOVEM EDWARD — Assassinos!

MORTIMER — Que é que você diz, criança?

JOVEM EDWARD — Não espere que suas palavras ainda me amedrontem.

ANNA — Edward!

JOVEM EDWARD — Afaste-se, mãe! Se tivésseis amado a ele como eu, não suportaríeis essa morte.

ABADE — Por que não respondeis ao Rei, Mylord?

RICE AP HOWELL — A essa hora, Edward deveria falar ao Parlamento.

UM PAR — A essa hora, a boca de Edward está muda.

MORTIMER — Quem é o homem que me envolve nessa morte?

JOVEM EDWARD — Sou eu.

MORTIMER — E vossa testemunha?

JOVEM EDWARD — A voz de meu pai dentro de mim.

MORTIMER — Não tendes outras testemunhas, Mylord?

JOVEM EDWARD — Os que aqui não estão são minhas testemunhas.

ABADE — O Conde de Kent.

RICE AP HOWELL — Berkeley.

O PAR — Os irmãos Gurneys.

ABADE — Um sujeito chamado Lightborn, visto na Tower.

ANNA — Parai!

ABADE — Que trazia um papel com vossa assinatura.

Os Pares examinam o papel.

RICE AP HOWELL — Sem dúvida ambíguo. Falta a vírgula.

ABADE — Propositadamente.

RICE AP HOWELL — Pode ser. Mas não está dito que se matasse o Rei.

JOVEM EDWARD — Ah! Mortimer, você sabe que isso foi feito. E assim também deve ser feito com você. Você morrerá! Como uma testemunha deste mundo, de que sua astúcia sagaz, que fez apodrecer um rei numa cloaca, foi sagaz demais para Deus.

MORTIMER — Se achardes que sou culpado, acusar-me-eis da morte de Edward II. Há momento em que a verdade toma-se improvável e nunca se pode calcular para que lado o Estado-búfalo arremete. Bom e moral é o lugar contra o qual ele não arremete. O búfalo arremeteu contra mim. Se eu tivesse provas, de que me adiantariam as provas? Se o Estado chama alguém de assassino, essa pessoa faz bem em comportar-se como um assassino. Mesmo que suas mãos estivessem brancas como a neve da Escócia. Por isso calei-me.

ABADE — Não leveis a sério o serpentear da enguia.

MORTIMER — Tomai-me o selo real! Esquadra contra esquadra lançai- vos para a Ilha da França. Na Normandia, os exércitos estão apodrecidos. Bani-me para a Normandia como vosso governador. Ou como capitão, como recrutador ou cobrador de impostos. Quem tendes vós, que instiga vossos exércitos, de mãos nuas, contra o inimigo? Enviai-me como soldado a ser açulado pra frente. Só não me façais cair, entre o comer e o limpar da boca, de ponta cabeça, só porque um bezerro está a berrar por sangue, pelo pai que esticou as canelas. Perguntai-vos se é a hora de esclarecer o caso do Edward morto. Ou se, purificada por um crime, toda a ilha deva desaparecer numa corrente de sangue. Precisais de mim. Vosso silêncio ouve-se até a Irlanda. Tendes de ontem para hoje em vossas bocas uma outra língua? Se vossas mãos não estão manchadas, elas ainda não estão manchadas. Ser eliminado tão friamente cheira a moral.

ANNA — Por minha causa, poupe Mortimer, filho! *O jovem Edward se cala*. Sim, fique calado, nunca lhe ensinei a falar.

MORTIMER — Madame, afastai-vos! Prefiro morrer do que mendigar pela vida a um fedelho.

JOVEM EDWARD — Enforcai-o!

MORTIMER — É isso, meu jovem; a desleixada fortuna gira como uma roda. Ela leva você para cima. Para cima e para cima. Você se segura. Para cima. Aí vem um ponto, o mais alto. Dele você vê, não é escada, e leva você para baixo. Justamente porque é redonda. Quem viu isso, cai, meu jovem, ou se deixa cair? A pergunta é engraçada. Pense nisso!

JOVEM EDWARD — Levai-o daqui! *Mortimer é levado*.

ANNA — Não carregue consigo o sangue de Roger Mortimer.

JOVEM EDWARD — Esta palavra demonstra que talvez você também, mãe, esteja carregando o sangue de meu pai. Pois temo que você, junto a Mortimer, seja suspeita também de sua morte, e a mandamos à Tower, para interrogatório.

ANNA — Não foi com o leite materno que você sorveu espírito tão pedante, Edward III. Levada de cá para lá, mais que os outros, e não pelo gosto das mudanças, vi sempre a injustiça alimentar o homem e pagar-lhe com o sucesso cada vitória sobre a consciência. A mim recusa-se até a própria injustiça. Dizeis que morreu há pouco aquele a quem vosso próprio rosto vagamente me lembra e que me causou muita dor e de quem esqueci (Dizei calmamente: por indulgência) e de quem apaguei completamente o rosto e a voz. Tanto melhor para ele. Agora seu filho manda-me para a Tower. Lá será tão bom como em qualquer outro lugar. Vós que tendes a desculpa de ser criança e que penetrais coisas tão

duras e ultrapassadas, o que sabeis do mundo no qual nada é mais desumano do que fria sentença e justiça?

Anna sai.

JOVEM EDWARD — A nós cabe enterrar dignamente o corpo.

ABADE — E com isso ninguém que viu na Abadia de Westminster a coroação daquele homem veria agora seu enterro. De Edward II que, não sabendo, como parece, quem de seus inimigos ainda se lembrava dele, não sabendo que estirpe o sucederia, ignorando mesmo a cor da folhagem, a estação do ano, a posição dos astros, esquecendo-se de si mesmo, expirou na miséria.

JOVEM EDWARD *enquanto todos se ajoelham* — Que Deus lhes dê o perdão nesta hora para que nossa geração não tenha que expiar o pecado. A nós, porém, Deus não permita que a nossa estirpe se perca desde as entranhas de nossas mães.

FIM